

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VII — Número 75

Março de 1969

Semana de Oração da Juventude

Uma nova semana de oração está diante de nós. Poderemos encarar este acontecimento como uma possibilidade de reanimar as nossas sociedades de Jovens ou fazer simplesmente algo rotineiro que não terá qualquer influência sobre o coração da juventude, conduzindo-os a um serviço melhor para Deus.

Compete aos dirigentes fazerem planos. Eis algumas ideias que desejamos apresentar-vos:

1.º *Reunam com os dirigentes da Igreja e estabeleçam bases para uma cooperação de toda a Igreja nesta semana.*

2.º *Fazer planos para alcançar todos os jovens da Igreja, e alcançar outros novos.*

3.º *Manter reuniões regulares durante toda a semana, a horas apropriadas para os jovens.*

4.º *Estabelecer grupos de oração, para determinados problemas e abertos aos jovens.*

5.º *Proporcionar contactos dos jovens, para receberem conselhos e oração, com conselheiros especialmente escolhidos.*

6.º *Organizar classes baptismais com os jovens que decidiram entregar a sua vida ao Mestre.*

Para alcançar os jovens que estão longe da Igreja ou novos deverá ser posto em prática o plano das Equipas de Amizade, em que jovens especialmente escolhidos visitam os seus amigos e os convidam para as reuniões especiais desta semana.

Teremos nós a noção da responsabilidade que cabe aos mais velhos no trabalho pelos jovens? Certamente que nos descuidamos muito neste aspecto, mas esta ocasião especial é um meio de despertar a consciência da Igreja.

O futuro da Igreja depende grandemente da firmeza da nossa juventude. Que aqueles a quem está confiado o pesado encargo de dirigir os jovens possam receber direcção divina para a tarefa que este ano está sobre os seus ombros. Devido a conveniência a semana de oração das Igrejas terá lugar de 15 a 22 de Março e a das Missões de 5 a 12 de Abril.

As mensagens desta semana, preparadas pelo Pastor J. Robert Spangler, estão subordinadas ao título: «Os Anjos e os Adventistas». Constan de uma importante série de estudos sobre Apocalipse, 14 — o capítulo que apresenta as principais razões para a existência dos Adventistas do Sétimo Dia.

Que o Senhor abençoe cada dirigente ao planear as actividades desta semana especial.

Departamento dos M. V. da
União Angolana dos A. S. D.

OS ANJOS E OS ADVENTISTAS

Uma série de estudos sobre Apocalipse 14 — o capítulo que apresenta as principais razões para a existência dos Adventistas do Sétimo Dia

SÁBADO

por J. Robert Spangler

Era chegado o Tempo

Não há muitos anos apareceu nos jornais uma história quase inverosímil. A pequena ilha de Guam (cerca quatrocentos quilômetros quadrados), antes da segunda guerra mundial pertencia aos Estados Unidos. Em sete de Dezembro de 1941 este reduto escarpado foi atacado pelos japoneses. Cinco dias decorridos estes estavam senhores da situação. Em 21 de Julho de 1944 as forças norte americanas desembarcaram em Guam tendo conseguido recuperar a ilha. Centenas de soldados japoneses recusaram render-se, escondendo-se em cavernas e nas matas. Durante os meses que se seguiram muitos desses soldados japoneses foram aprisionados para apenas serem restituídos à liberdade no fim da guerra.

Chegou o ano de 1960. Uma certa manhã, um habitante da ilha ao se dirigir para as traseiras da casa deparou com um ente andrajoso empoleirado num coqueiro; junto da árvore estava um ser idêntico que imediatamente se escondeu no matagal. Pouco depois com a ajuda dos vizinhos, ambos foram apanhados. Sob vestes esfarrapadas, cabelo hirsuto e cicatrizes horrorosas estavam dois soldados. Não tardou que por toda a ilha se propagasse tão espantosa notícia. Era simplesmente inacreditável que dois homens vivessem escondidos quando a guerra tinha cessado há quinze anos. Tentaram persuadi-los que a guerra tinha terminado e de que o Japão e a América tinham reatado as relações. Podiam agora regressar ao seu país e ao seio das suas famílias, mas os soldados não podiam acreditar no que seus ouvidos ouviam.

Não se pode censurar essa incredulidade; não tinham eles vivido nas condições mais miseráveis durante quinze longos anos desde que a guerra acabara em 2 de Setembro de 1945? Durante quinze anos vegetaram naquelas matas infestadas de mosquitos e parasitas. Anos vividos mais como animais do que como seres humanos. Mas por que ra-

zão viveriam em condições tão precárias se já não havia guerra?

Depois de convenientemente lavados, vestidos e alimentados, continuavam a pensar que isto não passava de um meio de os torturar e que a morte se seguiria! Foi-lhes repetidas vezes assegurado que em breve estariam de volta ao lar no Japão, mas a sua descrença era absoluta.

Mas os esforços não ficaram por aqui: eles conseguiram contactar com a irmã de um desses soldados japoneses que por sua vez falou com este tentando persuadi-lo a acreditar que a guerra tinha acabado. Tudo foi debalde. O soldado contestou que fosse de facto a voz da irmã. Imaginou ser antes uma maneira de o torturar antes de morrer. Finalmente meteram-nos num avião moderno que os levou a Tóquio. Podeis imaginar como ficaram surpreendidos e mudos de espanto quando caíram nos braços dos seus queridos. Que recepção não foi essa!

Mas não é porventura esta a história do homem moderno, ignorante acerca do plano de Deus para o mundo? Pensai nas multidões que vivem nas matas do pecado, em horríveis condições, sem saber que foi declarada paz entre Deus e o homem por meio de Jesus Cristo. Desconhecem que a vitória lhes pertence através de Jesus. Nada sabem acerca da mensagem da salvação que vem unicamente pela fé! Não sabem que o nosso Senhor virá em breve. Nunca ouviram e muito menos compreenderam as verdades especiais sobre estes últimos dias. A descrença reina como senhor no coração de multidões enquanto que a ignorância impede que outros conheçam o Salvador. Tragicamente, mesmo dentro da nossa igreja muitos não conhecem com convicção a infalível mensagem dos três anjos dada por Deus para estes tempos hodiernos.

Seis Ingredientes Dignos de Atenção

É do plano de Deus que os Seus planos tenham lugar apenas quando o mundo es-

tiver preparado para eles. No momento exacto Deus enviou o Seu Filho. Noé fez a arca na altura exacta. Ele sabia que a Mensagem do Advento se disseminaria por toda a terra quando as condições do mundo o permitissem. Mas em que sentido estava o mundo preparado para a Mensagem do Advento? Consideremos seis situações do mundo anterior a 1844:

1.^a *Liberdade* — liberdade política, religiosa e intelectual, tal como o mundo nunca antes conhecera. *Agitação e reforma* eram duas palavras mágicas. A recente independência conseguida pela América abriu as portas da liberdade política em outras partes do mundo.

2.^a *Publicações Religiosas*—A liberdade de expressão de pensamento e da imprensa asseguraram o sucesso aos jornais e revistas não só seculares como também religiosas.

3.^a *Educação Obrigatória*—A educação deu maiores possibilidades para a humanidade compreender as verdades de Deus.

4.^a *Desenvolvimento Científico, especialmente nos meios de comunicações e transporte* — A fantástica explosão de descobrimentos científicos ajudou a mensagem de Deus a espalhar-se mais rapidamente por todo o mundo. Antes de 1800 não havia barcos rápidos, caminhos de ferro, telégrafo, luz incandescente, telefones, cabos submarinos, electricos, máquinas de escrever, cinema, aviões, rádios, ou automóveis. Mas de um momento para o outro as invenções inundaram a terra. A profecia de Daniel acerca do tempo do fim estava a cumprir-se com a multiplicação do conhecimento.

5.^a *Reavivamento Espiritual Universal*—Tal foi o movimento que varreu o mundo cristão e de uma maneira particular os Estados Unidos, proporcionando um ambiente propício à recepção da Mensagem do Advento.

6.^a *Sociedades Pró-missões*—As portas das missões estrangeiras foram significativamente abertas. Antes de 1798 não havia organizações missionárias, sociedades bíblicas, sociedades de literatura, Escolas Sabatinas ou Dominicais.

Primórdios da Mensagem do Advento

Voltemos à manhã de sábado, 13 de Agosto de 1831. Um lavrador chamado Guilherme Miller fizera durante um número de

anos um estudo intensivo das Escrituras. Por estranho que possa parecer, Miller tinha sido um céptico, e o seu cepticismo levou-o a estudar a Bíblia apenas com o auxílio da concordância. Ao fazer o estudo, deu especial atenção à profecia dos 2.300 anos e chegou à conclusão insofismável de que Cristo estava às portas.

Nesta manhã de sábado deixou a sua secretária dominado por uma profunda convicção. As palavras «Vai e diz isso ao mundo» pareciam ferir os seus ouvidos. E tão penetrantes se tornaram que teve de se sentar e murmurar «Não posso ir, Senhor».

Pareceu-lhe então ouvir a pergunta: «Porquê?».

A resposta que o coração de Miller deu foi: «Sou demasiado velho; não sou um pregador; não tenho instrução.»

Mas a voz da convicção continuava a fazer-se ouvir, e ele prometeu ao Senhor que se se abrisse um caminho, ele sairia a pregar.

Então a voz pareceu perguntar: «Que queres dizer por 'abrir caminho'?»

Então Miller fez uma sugestão de que se arrependeu, pelo menos durante algum tempo. Prometeu que se fosse convidado a falar em público em qualquer lugar, ele consideraria tal convite um sinal. Depois de fazer esta proposta, o seu coração como que ficou aliviado.

Miller não tinha a mais pequena ideia sobre a possibilidade de receber o convite. Na verdade ele passara quinze anos a estudar e ainda não tinha recebido qualquer convite. Porque deveria recebê-lo agora? Mal supunha que naquele mesmo momento o seu sobrinho vinha a caminho de sua casa, de uma vila perto, com o propósito de o convidar a apresentar aos membros da igreja Baptista os seus pontos de vista acerca da segunda vinda de Cristo.

Mas quando o convite foi feito, este camponês estudante da Bíblia ficou preocupado com a promessa que fizera apenas meia hora antes. Miller escreve: «Revoltei-me contra o Senhor e propus no meu coração não ir.» Sem proferir palavra saiu de casa e dirigiu-se a uma mata para orar; porém quanto mais orava, mais convencido ficava de que devia «ir e falar ao mundo.»

No dia seguinte apresentou com todo o zelo um sermão sobre a segunda vinda de Cristo àquela pequena igreja Baptista. Por sua vez a igreja insistiu que ele continuas-

se os estudos durante o resto da semana, o que ele fez. Ao regressar a casa, encontrou uma carta que o convidava a fazer nova pregação.

Seguiram-se então centenas de sermões em igrejas Baptistas, Metodistas e Congregacionalistas. Em 1834 Miler dedicou todo o seu tempo à pregação. Em nove anos pregou mais de 4.000 sermões, numa média de 445 por ano, noutras palavras mais de um por dia. O seu ministério abrangeu 500 vilas e cidades.

Eis o começo da história de um dos mais poderosos movimentos religiosos que jamais se espalhou pela América. Conhecêmo-lo hoje como o grande Movimento do Advento, do qual a igreja Adventista do Sétimo Dia é uma parte definida. Foi um despertamento religioso que, se tivesse sido seguido por todas as igrejas da América, teria mudado completamente o rumo da história. Cristo já teria vindo. Quantas vezes a raça humana avança em círculos por causa da sua descrença e rebelião!

Não foi uma Voz Isolada

Seja-me permitido salientar que a Igreja Adventista não teve início numa voz de independência isolada. Algumas pessoas perguntam: quando começou a vossa igreja e quem foi o seu fundador? É difícil responder a essa pergunta porque quando o Movimento Adventista teve início, pessoas de várias igrejas, tais como Luteranos, Baptistas, Congregacionalistas, Presbiterianos e mesmo Católicos Romanos, aderiram a este despertamento religioso. Na realidade Guilherme Miller foi apenas um dos oitenta e tal homens de doze países espalhados por quatro continentes a ensinar e a crer que o fim da profecia dos 2.300 anos teria lugar entre 1843 e 1847. Assim o Movimento do Advento não foi uma voz isolada, mas um coro colossal formado de pessoas de muitos países e denominações, que cantava o mesmo cântico: «Cristo vem; é chegado o fim de todas as coisas!»

Lembrai-vos sempre que os Adventistas nunca nasceram como uma denominação separada. Foi um movimento designado por Deus que devia alastrar por toda a terra, um movimento que tinha por finalidade unir todos os verdadeiros cristãos num programa de preparação para o encontro com Cristo, aquando da Sua segunda vinda. Na realidade «A compreensão da esperança da segunda vinda de Cristo é a chave que abre

toda a história do porvir, e explica todas as lições acerca do futuro.» — *Evangelismo*, pág. 220. Se o Movimento Adventista fosse tão longe como Deus pretendia que fosse, um verdadeiro espírito ecuménico teria prevalecido

A medida que o movimento progredia, numerosas igrejas abriram as suas portas à pregação da doutrina da segunda vinda de Cristo. Mas veio o tempo em que a inveja e o preconceito fecharam a maior parte destas portas. Multidões recusaram-se a dar ouvidos à gloriosa verdade da volta de Jesus. Os crentes que continuaram a crer na breve vinda de Jesus foram cortados das igrejas. Isso foi o que sucedeu a Ellen G. White e aos seus pais. Apesar de rejeitados pelas igrejas, os crentes do Advento transformaram-se num vasto exército cristão. A população dos Estados Unidos era então de apenas dezassete milhões. Imaginai a repercussão que 130 reuniões campais Adventistas realizadas nos verões de 1843 e 1844 tiveram, ao assistirem a elas 500.000 a 1.000.000 de pessoas, ou noutras palavras, um em cada vinte habitantes dos Estados Unidos. Em proporção, isso excede de longe o que tem sido feito nos nossos dias na América ou em qualquer outro país. Foi o mais vigoroso, senão o maior reavivamento que a América jamais conheceu.

Dias de Crise

Ao interpretarem a profecia dos 2.300 dias os Adventistas ensinaram com todo o entusiasmo que o fim do mundo viria em 22 de Outubro de 1844, quando Cristo appareceria para vir buscar os que eram Seus. Os seus calculos estavam perfeitos em relação ao tempo, mas estavam errados na interpretação do acontecimento. Antes desse dia, havia de cinquenta a cem mil crentes no Advento. Mas quando Cristo não veio no dia previsto, a grande maioria renunciou a sua fé. Os restantes dividiram-se em três grupos :

1.º *Extremistas*: persistiram em marcar novas datas e que finalmente se dispersaram.

2.º Os que continuaram na esperança do Advento, mas recusaram-se a avançar na luz, confundindo-se com as outras igrejas, quer na doutrina quer nos actos.

3.º *Precursores dos Adventistas do Sétimo Dia* — um grupo de cerca de cincoenta pessoas que fervorosamente buscavam uma experiência com Deus. Chegaram à conclusão que o elemento tempo estava correcto

mas que a interpretação do acontecimento estava errada.

Não devemos desprezar os primórdios humildes! As bolotas produzem carvalhos, as montanhas são movidas pela explosão do átomo, um sol escaldante é anunciado por débeis raios de luz — um mundo está a ser avisado e uma multidão a ser ganha para Cristo por um insignificante grupo de cristãos conhecidos por Adventistas do Sétimo Dia.

Pessoalmente não me sinto envergonhado pelo grande desapontamento de 22 de Outubro, nem dos nossos vacilantes passos que se seguiram. Se Cristo tivesse instituído a igreja cristã nos nossos dias, quão fraca e desprezível não teria ela sido considerada pelo mundo! «Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sá-

bias... Para que nenhuma carne se glorie perante Ele.» *1 Cor. 1:27-29.*

Nada é desprezível quando falamos da acção de Deus na história. Isto é especialmente verdade quando consideramos o movimento começado pelo Senhor, destinado a culminar o Seu programa de salvação para a terra. Cada pormenor dos irados planos de Satanás converge para os nossos dias. Mas Deus pôs em acção um programa que deve não só fazer face aos ataques do inimigo, como deve igualmente servir de contra-ataque.

Jovens: não subestimeis o movimento Adventista. Não o enfraqueçais pelas vossas atitudes. Nunca o deprecieis pela vossa ignorância! Assegurai-vos que sabeis porque sois o que sois, e procedei de maneira que o mundo o saiba!

DOMINGO

Tempo Inequivoco

Já alguma vez vistes membro de uma igreja sair domingo de manhã, interrogando-vos ao mesmo tempo acerca da razão porque sois Adventistas do Sétimo Dia? Qual é a origem de todas estas igrejas? Porque pertencemos nós a outra igreja? Que justificação tem a nossa existência? Que encontro eu na minha igreja que não encontro nas outras? Que inconveniente haveria se em vez de pertencer à igreja Adventista, pertencesse a outra?

Estas são perguntas legítimas que merecem uma resposta ponderada. Esta série de mensagens tem exactamente essa finalidade — dar uma resposta concreta.

Uma das diferenças fundamentais entre a nossa igreja e as outras encontra-se no capítulo catorze de Apocalipse. São-nos familiares as palavras «a mensagem dos três anjos». Sabíeis que mais nenhuma denominação religiosa no mundo, do passado ou do presente, interpretou e pregou estas três mensagens à escala mundial? Não é este um assunto poderoso que devia firmar a nossa fé no Movimento do Advento como sen-

do o apelo especial de Deus para a última hora da história? Este é apenas um entre muitos factos peculiares e significativos que justificam a existência da nossa igreja.

Suponhamos que eu era apenas um estudante da Bíblia casual, todavia interessado e que lia as palavras que se encontram em Apocalipse 14:6 — «a toda a nação, tribo, língua e povo». A minha primeira conclusão independentemente do significado da mensagem seria sem dúvida: *Isto refere-se a todo o mundo. Não exclui ninguém. Que gigantesca e universal mensagem esta deve ser!*

Os curtos pensamentos apresentados não podem de maneira alguma atingir a profundidade e o alcance das mensagens dos três anjos. Poço-vos insistentemente que iniciéis um estudo dos fundamentos históricos da nossa igreja. A seguir investigai as Escrituras e o Espírito de Profecia acerca da hora do juízo. Isso dar-vos-á um conceito claro dos propósitos e objectivos da Igreja Adventista.

Não existe ouro nas árvores

É fácil chegar à conclusão que estas profecias são demasiado profundas para se poderem compreender. A nossa era de confortavelmente-sentados-em-frente-da televisão impede que muitos procurem compreender estas verdades especiais. Porém uma atitude indiferente pode significar um verdadeiro desastre.

Quanto ao esforço que é necessário dispender para investigar a Palavra de Deus, lembremo-nos que não se encontra o ouro pendurado nas árvores, nem a prata nasce como as ervas daninhas. Consequências de valor custam tempo e energia. A pergunta é: *Que valor tem para vós a vida eterna?* Quanto mais a mente se dedicar ao estudo de verdades profundas regular e persistentemente, tanto mais força e habilidade terá para as compreender.

Lembro-me que quando era rapaz costumava observar o meu pai a escrever à máquina cerca de cem palavras por minuto. Isto afigurava-se-me como algo de misterioso e impossível. Nunca então passou pela minha mente que um dia eu mesmo viria a escrever à máquina. Mais tarde matriculei-me num curso de dactilografia. Foi-nos ensinado que devíamos usar o mesmo dedo para a mesma tecla. Isso era muito moroso e difícil, mas com paciência e prática surtiu efeito. Hoje já não considero o escrever à máquina como um mistério e já não custa nada.

Como os animais cegos, muitos de nós tropeçamos ao longo da vida ignorantes acerca das estruturas do conflito em que estamos empenhados. Necessitamos de lutar com todo o empenho contra a tendência para a mornidão, cobrando novo entusiasmo sobre a verdade para os nossos dias. As ardilosas tácticas satânicas devem ser detectadas. Tomai com alma e coração a decisão de com a ajuda de Deus, compreenderdes mais plenamente a mensagem dos três anjos.

Dada no Tempo Preciso

A mensagem do primeiro anjo é ao

mesmo tempo uma ordem e um aviso. Como ordem: «Temei a Deus e dai-Lhe glória... e adorai aquele que fez os Céus, a terra, e o mar, e as fontes das águas». Como aviso: «É vinda a hora do Seu juízo».

Este aviso foi proclamado no tempo exacto pelos crentes do Advento antes de 1844. A poderosa profecia dos 2.300 anos de Daniel 8:14 culminou em 22 de Outubro de 1844. Embora tenha havido um lapso na interpretação quanto ao acontecimento que devia ter lugar, a data em si está certa. Em vez de vir à terra nessa altura, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celeste a fim de dar início ao solene trabalho de investigar os registos da vida de cada ser humano desde os dias de Adão. É surpreendente a adaptação deste aviso. Foi dado no tempo preciso para cumprimento da profecia e devia constituir o último apelo feito aos homens com vista à preparação para a segunda vinda de Cristo. Desde que as palavras «é vinda a hora do Seu juízo» foram escritas, 1.900 anos antes, até ao dealbar do Movimento do Advento, *nenhum grupo tinha tentado explicar ou pregar esse aviso à escala mundial.*

Uma Explicação mais Pormenorizada

Pouco depois de ter sido pregada pela primeira vez, a primeira mensagem angélica foi mais amplamente esclarecida. Consideremos a ordem: «Adorai Aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas». Estas palavras constituem um urgente apelo para adorarmos a Deus como Criador. Deus não ignorava o facto de que nos últimos dias Lhe seria contestado o facto de ser o Criador, e isto de uma maneira muito especial. É verdade que o mandamento do Sábado tinha 1.500 anos antes sido mudado pelo homem. Mas aqueles que fielmente observavam o domingo ainda acreditavam na história da criação como vem em Génesis 1. Quando o Movimento do Advento teve início, verificamos que outras forças se desenvolviam simultaneamente, negando não só a verdade do sábado mas também o registo da cria-

ção! Este é um facto que não nos deve passar despercebido.

Os cientistas, até à primeira metade do século dezanove, uniam-se a Deus nas suas pesquisas. As reuniões científicas eram normalmente iniciadas com oração. Mas num curto espaço de tempo sobreveio uma drástica mudança. O pensamento científico começou a separar-se das Escrituras. Note-se o evoluir de tal atitude: 1844 — *Darwin começa a escrever o primeiro esboço da «Origem das Espécies»*. 1844 — *Carl Marx torna-se amigo de Friedrich Engels em Paris — um contacto que eventualmente germinou o Manifesto Comunista*. Todos nós sabemos que o comunismo nega a existência de Deus. O jornal soviético «Pravda» é um porta-voz da ideologia ateísta dos comunistas. Quando os seus astronautas regressaram do espaço, declararam: «Os nossos astronautas perscrutaram o espaço, penetraram nos céus e verificaram que não existe Deus». 1859 — *Publicação da «Origem das Espécies», um livro destinado a destruir a fé de incontáveis milhões na história do Génesis, sobre a criação*. Um escritor descreve o ano de 1859, quando este livro apareceu, como o voltar de página da história do pensamento ocidental. Revolucionou a atitude do homem em praticamente todos os campos da ciência e do pensamento.

Mas não é tudo. Em 1848 duas meninas de tenra idade foram para a sua cama numa tosca casa de madeira na aldeia de Hydesville, em Nova York. Elas ouviram pancadas misteriosas, e num curto espaço de tempo foi elaborado um código, habilitando as irmãs Fox a comunicar com os espíritos malignos. Este foi o início do espiritismo moderno. Quão trágico é constatarmos que mais tarde morreram alcoolizadas. Elas tinham relações com mais de uma espécie de espíritos!

Façamos uma síntese do apresentado:

1. Desenvolvimento da teoria da evolução.
 2. Criação do *Manifesto Comunista*.
 3. Começo do espiritismo moderno.
- Estes três pontos opõem-se de uma

maneira significativa a Deus e à Sua Palavra. Tais movimentos tornaram-se hoje forças gigantescas e poderosas.

Pensai no seguinte: ao mesmo tempo que estas tremendas forças do mal estavam a dealbar, Deus inspirou um grupo, muito pequeno, de pessoas que começaram a estudar a mensagem do primeiro anjo, que contém nada mais que as verdades necessárias para contestar tais falsidades ateístas.

E não se trata de uma coincidência! Deus sabia quando surgiria a necessidade. Um reconhecimento de Deus como Criador e a aceitação do sétimo dia como o Sabado, como memorial do Seu poder criador formam entre si a *única arma ao nosso alcance capaz de derrotar ao mesmo tempo as teorias evolucionistas e comunistas*. Os que fazem uso desta arma precisam de imprescindivelmente seguir as Escrituras como autoridade. Nestas mesmas Escrituras encontramos a verdade acerca do estado do homem na morte, o que em si não é mais que a *única arma contra o espiritismo*. O alcance da primeira mensagem está para além da nossa apreensão. O poder criador de Deus é uma verdade imensa e necessária.

O Dia da Graduação de Moisés

Meditemos por momentos em Moisés graduado várias vezes pelas universidades do Egipto. O seu cérebro brilhante dominou a música, a história, a filosofia, a ciência, a estratégia militar, a poesia e a política. Sentia-se agora com forças para tirar o povo da terra do Egipto. Mas Deus tinha outros planos. Tomou Moisés e matriculou-o na Universidade do Deserto do Sinai para tirar *um curso de quarenta anos sobre consagração — consagração à vontade e aos caminhos de Deus*. Deus queria que Moisés soubesse que Ele era o Criador. Queria que Moisés tivesse conhecimento dos grandes montes que tinha feito — em vez dos templos feitos por mãos de homens. Moisés devia contemplar a arte expressa no nascer e no pôr do sol — arte que ultrapassava de longe a de qualquer pintor egípcio. Ele

devia aprender a cuidar dos rebanhos — para que lhe pudesse então confiar a guarda do povo de Deus.

Chegou finalmente o dia da graduação. O discurso inaugural foi-lhe dirigido de uma sarça ardente. Em vez de Moisés receber o diploma foi-lhe ordenado que descalçasse os sapatos. Moisés aprendeu que o grande EU SOU era o Criador e Mantenedor de toda a vida. É bom não esquecermos que Moisés escrevera o livro de Génesis, com a história da criação, enquanto se encontrava no deserto. Agora estava pronto para trabalhar para Deus.

A mensagem do primeiro anjo fará por nós hoje o que Deus fez por Moisés então. Somos chamados a adorá-lo — o Criador, o Todo-poderoso — o único que pode outorgar vida ao homem e conservá-lo vivo; o único que pode mudar o coração do homem e conservá-lo mudado. Esta mensagem é uma promessa poderosa do poder de Deus, acessível a todos os que a ela recorrem com fé.

Mas não é tudo. Notemos que este evangelho eterno deve ser levado a «toda a nação, tribo, língua e povo». Ouvimos hoje impassíveis essas palavras. Todos os sábados damos atenção ao Boletim Missionário. *Mas temos nós o senso do que tem acontecido?*

Voltemos a 1844 e que encontramos depois do grande desapontamento? Apenas uma meia dúzia de pessoas, menos de cinquenta, para sermos mais exactos, que permaneceram fieis à direcção de Deus. É certo que outros adventistas pertencentes ao movimento Millerita se se lhes uniram posteriormente. Mas este pequeno grupo não possuía mais para começar a não ser fé. Pobre e sem educação, foram desprezados, escarneidos e ridicularizados.

Mas com o andar dos tempos e à medida que o movimento crescia, cresceu também a convicção de que a mensagem devia ser levada a outros países. Não nos esqueçamos que o moderno movimento das missões acabava de ter início. Em 1844 David Livingstone abriu a sua primeira estação missionária em África. Só depois de 1844 cerca de me-

tade da população mundial se tornou acessível ao evangelho. Antes, a liberdade religiosa não era conhecida para milhões de pessoas. E é neste quadro que entram os Adventistas do Sétimo Dia com a mensagem do terceiro anjo para todo o mundo. Desde que J. N. Andrews foi enviado para a Europa em 1874, *temos agora um império missionário espalhado por todo o mundo.*

163 em cada 180

Tenho comigo um folheto de quatro páginas publicado há alguns anos pela Sociedade Bíblica Americana. Enumera 180 países diferentes e 55 denominações protestantes principais. Se uma igreja tem uma estação missionária em determinado país, põe-se um pequeno ponto no lugar apropriado. Ao abrirmos esse folheto, deparamos imediatamente com uma longa fila de pontos. Imaginais a que igreja pertence? Sim, é verdade, à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em cada 180 pontos possíveis, os Adventistas têm 165. A igreja que vem logo a seguir tem 74. Alguém disse que onde quer que se vá hoje, se encontrarão três coisas — a «Shell», a Igreja Católica e os Adventistas! Depois de viver e trabalhar no Extremo Oriente durante oito anos e de viajar por dezenas de países, acredito nisso!

Um outro conceito vital reside no facto de a mensagem salientar a unidade e a igualdade de todos os membros da raça humana. Quando viajo tenho de preencher alguns impressos que me dão. Alguns fazem a pergunta «A que raça pertence»? Costumo escrever em letras maiúsculas: «R-A-Ç-A H-U-M-A-N-A». Alguns oficiais da fronteira mostram-se surpreendidos e sorriem. A nossa mensagem do primeiro anjo é para *todo o ser humano* que habita este planeta. Devemos anunciá-la rapidamente ao mundo, porque vivemos no «tempo do fim». Em breve Jesus descerá dos Céus pelas estradas celestiais. Ele virá em carros de fogo vivo para buscar os que receberem esta mensagem. Agradeço a Deus pela oportunidade de a conhecer. Sinto-me humildemente orgulhoso de ser um Cristão Adventista do Sétimo Dia. Não vos sentis também?

Dentro ou fora de Babilónia?

Puseram-lhe a alcunha de «o favorito dos milionários». Este fantástico paquete com a altura de um prédio de onze andares e com o comprimento de quatro blocos, singrava movido pela potência de gigantescos motores e por hélices triplas. As mais modernas e arrojadas medidas de segurança tinham sido postas ao seu alcance. Era impossível encontrar-se suficientes adjectivos no dicionário que descrevessem a sua opulência. A atenção do mundo estava concentrada nesse palácio flutuante. Em 10 de Abril de 1912 partiu de Southampton rumo a Nova York, na sua viagem inaugural.

Cinco dias mais tarde, com um rombo de 100 metros no casco, em consequência de um abalroamento com um «iceberg», afundou-se no oceano. A 4.000 metros de profundidade descansou para sempre no fundo das águas geladas do Atlântico Norte.

Para muitos, o *Titanic* era mais do que um navio. Ele era um símbolo do génio e do poder do homem. A sua majestade colossal dominava por completo a imaginação contemporânea. Era tal a fé depositada neste navio que os construtores o declararam «insubmersível».

Mas quando o insubmersível se afundou, o decepcionado mundo perdeu de novo a sua confiança na habilidade do homem em alcançar o permanente, o invencível e o todo-poderoso.

É interessante constatar que por toda a Bíblia se encontram provas de como Deus tem procurado mostrar ao homem auto-suficiente e pecador que as coisas eternas estão nas Suas mãos, não nas do mortal. A mensagem do segundo anjo vem de novo chamar a atenção para a futilidade do orgulho das consequências humanas. Lemos assim: «E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição».

O termo «Babilónia» não se pode

referir à antiga cidade de Babilónia, que era a capital do mundo durante a vida do profeta Daniel. A mensagem do segundo anjo foi escrita por João, seiscentos anos depois da queda de Babilónia. Na realidade, foram construídas outras cidades com os escombros da antiga Babilónia, e ainda hoje esses escombros estão patentes. Esta grande metrópole da antiguidade entrou no esquecimento absoluto. Então porque usa João o termo «Babilónia»?

As origens da cidade de Babilónia remontam aos dias da antiga torre de Babel construída por ateus pós-diluvianos. Esta torre era o «Titanic» da antiguidade — um símbolo do orgulho e do poder do homem. Alguns pensam que a razão principal para a construção da torre de Babel era uma precaução contra um novo dilúvio, mas isso não é verdade. Uma leitura cuidadosa de Génesis 11:4 dá-nos o motivo secreto da construção de uma torre que chegasse aos céus. «Façamos um nome para nós», dá-nos o porquê. Tal torre devia provocar a atenção do mundo.

A cidade que seria construída com a torre devia tornar-se um centro internacional de cultura, riqueza e erudição. Os arquitectos tinham por objectivo tornarem-se conhecidos como homens ilustres. Que melhor poderia perpetuar a Sua fama do que uma cidade e uma torre cuja beleza e poder durassem para sempre? Ah! Mas Babel caiu. A humanidade foi dispersa por toda a face da terra quando o dedo de Deus tocou nas línguas dos homens e os confundiu. Que acto tão simples e todavia tão significativo!

Séculos mais tarde, a cidade e o próprio império da Babilónia, nos dias de Daniel, tornou-se numa nova ilustração do «Titanic» do Velho Testamento. Caiu esmagada pelas forças da Medo-Pérsia. O sangue do rei Belshazar misturou-se com o vinho que corria pela escadaria de mármore que partia do seu

trono. Procurai fazer uma ideia de uma cidade com muros de tijolos amarelos, portões azuis, palácios cor-de-rosa e templos brancos. Jardins magníficos e ruas delineadas a compasso e esquadro faziam desta metrópole um lugar fantástico no meio de um deserto. Satanás desejava indubitavelmente ver em Babilónia a espinal medula da sua obra-prima de enganar o mundo inteiro, em oposição aberta a Jerusalém, designada pelos planos de Deus para servir de centro visível das forças do bem.

Nos tempos do Velho Testamento estas duas cidades tornaram-se um símbolo das forças do bem e do mal. A riqueza e o poder de Babilónia pareciam tão estáveis que ninguém sonhava na possibilidade da sua derrocada. E quando caiu, o mundo nunca mais o esqueceu. O choque da Babilónia, essa inexpugnável fortaleza, e a perda do seu poder, importância e brilho, ainda impressionava os homens nos dias de João. Virtualmente, ela deixou de existir mais ou menos ao mesmo tempo que João escreveu a mensagem do segundo anjo. Não admira por que tomou as palavras «caiu Babilónia» e as usou na profecia.

O significado profético de «caiu Babilónia» é, na sua maneira mais simples, confusão espiritual. Não há dúvida que os cristãos contemporâneos de João usavam o termo «Babilónia» referindo-se à Roma imperial, que torturou e matou impiedosamente os cristãos primitivos. A Babilónia mística e literal tem sido tradicionalmente reconhecida como o inimigo da verdade e do povo de Deus. Tal como é apresentada na mensagem do segundo anjo, este nome torna-se o símbolo de todas as organizações religiosas apóstatas.

Encontramos hoje um império colossal de erro espiritual e de falsidade, o qual exige obediência e respeito de quase todo o mundo. Note-se a descrição de João do que a Babilónia está a fazer: «A todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição». Esta acusação poderosa quer simplesmente dizer que os homens estão a virar costas à fonte pura da água da vida, em troca do vinho do erro e da desobediência, que constituiu a prostituição e a imoralidade espirituais.

O belo símbolo da relação entre marido e mulher é usado por toda a Escritura para demonstrar a relação que Deus deseja ter com os que O amam. Mas se aqueles que pretendem ser cristãos se recusarem a seguir os mandamentos de Deus procurando seguir os seus próprios caminhos de pecado — isso constitui o adultério espiritual! Os cristãos devem estar matrimonialmente ligados ao Senhor Jesus Cristo, mas se formos infiéis a esse casamento, ou ao baptismo, e seguirmos a Satanás e ao mundo, tornamo-nos cônjuges infiéis do nosso Senhor.

As filosofias religiosas que mais se têm apoderado dos corações e das mentes dos homens são responsáveis pelas suas atitudes e acções. O que crerdes determinará os vossos actos. David expressou esta verdade ao se referir aos deuses feitos por mãos de homens: «Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem, e todos os que neles confiam». Salmos 115:8. As filosofias que dominam as vossas mentes, fazem de vós o que sois. O carácter do homem nunca poderá ser elevado acima do seu conceito de verdade e santidade.

Pensa-se que os países que têm pouca ou nenhuma luz do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo são geralmente países atrasados. Mas os países que têm uma forma pagã de cristianismo são por vezes *mais* atrasados e encontram-se mergulhados nas mais horríveis sendas do mal. Lembro-me de trabalhar em certo país onde 90% da população pretendia ser cristã. Numerosas igrejas cristãs erguiam para os céus as suas torres. Esse era o único país cristão (assim chamado) naquela área. Contudo tinha a maior percentagem de crime, de roubo e de fraude — muito mais que os países pagãos circunvizinhos. Isto ilustra o facto de Babilónia se encontrar numa condição degradada, e de as nações beberem do vinho e aceitarem falsas doutrinas e ensinamentos do cristianismo apóstata.

A rebelião, as escaramuças e a decadência moral que vemos em geral por toda a parte, é um resultado directo dos conceitos e ensinamentos falsos defendidos pelo chamado mundo cristão. Mesmo muitos dirigentes cristãos que pas-

sam por salientar a autoridade das Escrituras, subestimar-nas não só por aceitarem falsas filosofias, mas também por as ensinarem ao povo. Ninguém pode semear cepticismo e colher lealdade! Não se pode semear a rebelião à lei de Deus e colher paz e segurança! Exactamente como no mundo físico, o mesmo se passa no mundo espiritual — colhemos o que semeamos! Uma Babilónia caída é o resultado directo da rebelião do homem contra Deus e a Sua Palavra.

Datação da mensagem do segundo anjo

A mensagem do primeiro anjo foi proclamada de uma maneira definitivamente organizada pouco antes de 1844. «A mensagem do segundo anjo», segundo Ellen G. White, «foi pregada pela primeira vez no verão de 1844». (Ver *O Conflito dos Séculos*). Foi pregada principalmente nos Estados Unidos, porque foi ali que a mensagem do primeiro anjo mais se disseminou, e foi ali também que se deu a mais espectacular rejeição pelas igrejas populares. Esta rejeição preparou o caminho para a pregação da mensagem do segundo anjo, porque as organizações religiosas em geral tinham rejeitado o Mensagem do Advento.

É interessante notar que a rejeição da segunda vinda de Cristo em 1844 foi semelhante à rejeição da parte dos dirigentes religiosos a quando da Sua primeira vinda. A maioria tinha almejado o estabelecimento de um reino literal no primeiro advento. Quando o nosso Senhor falou acerca do estabelecimento de um reino de graça nos corações da humanidade, tais palavras não foram aceites. Esta ideia de graça era obnoxia e de mau gosto. Hoje dá-se exactamente o contrário. Os cristãos falam de uma mudança de coração — que é de vital importância — mas ao mesmo tempo fazem do presente mundo de pecado o seu padrão, em vez de ansiosamente se preocuparem com a preparação para a segunda vinda de Cristo. Como Satanás é subtil em enganar o mundo!

Independentemente do facto de se falar de uma mudança de coração, por parte da maioria dos cristãos, consta-

mos que o cristianismo caminha pelos meandros da desobediência à lei de Deus. As normas morais estão a sofrer uma desintegração. A terrível obra de rebelião e apostasia ainda não foi consumada. Por essa razão *a mensagem do segundo anjo tem um significado e uma importância especiais nos nossos dias.*

Teremos nós forças para aplicar a mensagem do segundo anjo um pouco mais de perto às nossas vidas pessoais? A mensagem do segundo anjo, quando unida ao grande clamor do anjo de Apocalipse 18, que chama o povo a sair de Babilónia, implica muito mais do que uma mudança de um membro de uma igreja para outra! Se um ébrio, um mentiroso, ou um indivíduo sexualmente impuro se contenta em apenas mudar de igreja sem mudar igualmente o seu coração e os seus actos, que ganha com isso?

A queda das nações ou organizações não é mais que a queda colectiva dos indivíduos. As igrejas são constituídas por pessoas. Não existe absolutamente diferença alguma entre os princípios que afectam uma queda colectiva e os que afectam uma queda individual. Já alguma vez pensastes que a queda espiritual de um indivíduo é inata? Não exclamou David: «Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe»? Salmos 51:5. Não salientou Paulo esta premente verdade em Romanos 8: 3 usando a expressão «carne do pecado»? Na verdade, ele vai ainda mais longe: «Porque a inclinação da carne é morte; mas, a inclinação do espírito, é vida e paz». Vers. 6. Esta «inclinação da carne» para o «pecado» constituindo a «morte» mostra bem a condição da Babilónia caída!

Demos graças a Deus pela mensagem do segundo anjo que é de inabalável esperança, e liguemo-la com o versículo gêmeo de Apocalipse 18:4: «Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados». Esta ordem é uma promessa! É maravilhosa a promessa de que quando estamos dispostos a pôr a nossa vontade do lado de Deus, a terra e as nossas vidas pessoais serão «iluminadas com a sua glória». (Ver Apocalipse 18:1).

Certa vez um árabe estava deitado na sua tenda, no deserto, à meia-noite. Uma fome impiedosa despertou-o. Acendeu uma vela e procurou uma vasilha de tâmaras. Ao tirar uma, à luz da vela reparou que tinha um bicho, e por isso deitou-a fora. Tirou uma segunda tâmara, e constatou o mesmo. De novo a deitou fora. Um terceiro bicho foi encontrado numa terceira tâmara. Desesperado apagou a vela e na escuridão da noite acabou por comer as tâmaras bichosas.

A raça humana apagou a luz da lei e da ordem, a luz do domínio próprio, a luz da revelação divina, devorando então os vermes da rebelião e das trevas. Estará a brilhante luz da mensagem do segundo anjo apagada enquanto nos sentamos e comemos as tâmaras da rebelião? Ou escolherei eu ter a minha vida iluminada pela Sua glória? Embora o mundo que nos rodeia se encontre numa condição exasperante, podemos ainda contudo permanecer firmes pelo Seu poder.

A mensagem do segundo anjo apresenta uma oportunidade magna para a juventude se tornar um grupo de dirigentes *honestos, puros, simples e de vida condigna. Tais dirigentes deviam abominar o mundanismo sob todas as formas, estabelecendo bons hábitos de alimentação equilibrada, de vestuário, de boas maneiras e paciência, de amor e altruismo.*

Oh, como o mundo necessita de uma demonstração, não de rebelião, mas de justiça e obediência! Como será possível enfrentar o *torvelinho* do mal que envolve os nossos pés? Tomai a Palavra de Deus, e sobre os vossos joelhos investigai as Suas promessas. Tentai retê-las na vossa memória. Instai com Deus para que elas façam parte integrante da vossa vida. Existe o seguinte aviso numa loja de louça da China: «Frágil. Pegar com ora-

ção». Não é isso verdade em relação às nossas vidas, mais frágeis do que o vidro? Necessitamos de ter as nossas vidas protegidas e cheias de oração, para que os encontrões e desaires diários não obnubilem ou prejudiquem de forma alguma a nossa beleza espiritual. Essas orações, juntamente com as promessas de Deus, constituem o único meio do sucesso espiritual. Leia-mos em 2 Pedro 1:4: «Pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo». Não conheço outro meio de subsistir a não ser ajoelhar diante de Deus.

A igreja não tem tanta necessidade de grandes cérebros como tem de jovens que saibam ajoelhar-se diante de Deus. Lembro-me de na minha juventude ouvir pregadores instarem connosco para que orássemos. Mas isso não entrou nas nossas mentes. Perdi anos literais porque não sabia como orar. Seja-me permitida uma sugestão: Tomai os Dez Mandamentos e meditai neles em oração — sobre os vossos joelhos. Relacionai-os com outras passagens e pedi insistentemente o poder do Espírito para que isto se torne parte integrante da vossa natureza espiritual. Convicção, sinceridade e determinação para viver uma vida cristã não se conseguem a não ser por meio da oração. O próprio eu só pode ser vencido de joelhos.

Mesmo ao centro da mensagem do segundo anjo, encontra-se a cruz de Cristo. Não é fácil sair de Babilónia. Isso requer a morte para o próprio eu. A cruz significa não apenas dificuldade, mas a própria morte. A mensagem do segundo anjo declara que devemos morrer para a Babilónia do próprio eu. Que mensagem mais premente do que esta poderíamos encontrar para os nossos dias?

Um Cálice de Vinho de Babilónia

Quatrocentos anos antes de Cristo, um homem atarracado com aparência de camponês, lábios grossos e nariz chato, foi preso. Após julgamento sumário, este homem, chamado Sócrates, foi condenado à morte. É interessante a maneira como ele morreu. Foi condenado a beber uma taça de cicuta. Tenho pensado na sua morte muitas vezes. Não está longe o dia em que terá lugar um *rendez-vous* mundial. Será uma festa de Belshazar para todo o globo. Deus será o anfitrião. Os condenados serão os hóspedes desta festa de «cocktail». As bebidas não são alcoólicas; são antes a cicuta ardente da morte eterna.

Se eu fosse apenas um leitor casual da Bíblia e se me deparasse Apocalipse 14:9, 10, ficaria atónito ao descobrir o terrível aviso que se encontra nas Escrituras, descrito nos termos mais fortes que se possa imaginar: «Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, não misturado, no cálice da sua ira.» A severidade da linguagem forçar-me-ia a exclamar: «Isto é demasiado importante para ser ignorado! Tenho de conhecer o significado da mensagem do terceiro anjo.» A televisão, as festas, as modas, os desportos, ficariam em segundo plano. O conteúdo desta mensagem obrigar-me-ia a estudar e a investigar até que compreendesse o significado.

Alguns poderão sentir que a linguagem é tão misteriosamente simbólica que não pode ser compreendida. Se vós estivesseis no lugar de João e visseis o que ele viu em visão, como descreveríeis uma cena em que todo o mundo não adorasse a Deus, mas um poder simbolizado pela besta?

A mensagem de Noé sobre a vinda de um dilúvio poderia ter sido considerada misteriosa. Na realidade, ainda não tinha caído chuva antes, e para um homem se dispor a pregar durante 120 anos sem tempestades e sem chuvas, que o mundo seria coberto de água, pareceria ridículo e igualmente misterioso.

Prestai atenção. A prova suprema de que nós

podemos compreender esta mensagem para os últimos dias reside no facto de que Deus é um Deus de amor. Ele não nos daria uma mensagem de tal importância, de consequências tão terríveis, se não fôssemos capazes de a compreender. Se os homens hoje não conseguem apreender o significado da mensagem dos três anjos, mensagem essa aterradora, então Deus está a negar o Seu carácter de amor. E isso é impossível! Se Deus é amor, esta mensagem deve ser dada motivada pelo amor, a um povo que a possa compreender.

Prestemos cuidadosa atenção. A maneira como a mensagem é *negativamente* apresentada implica uma tremenda verdade *positiva*. Não pode existir um caminho errado a menos que haja um caminho certo.

Eu tenho dois filhos. Tenho tanto amor por eles que os aviso do mal e do perigo. Se não os amasse, se não me importasse com eles, se não houvesse um caminho recto a seguir, nunca os avisaria. E ainda mais: quanto maior for o perigo, mais insistente é o aviso e melhor sabor tem o facto de seguirmos o bom caminho.

O mesmo se dá com a mensagem do terceiro anjo. No âmago dessa mensagem encontra-se o maior poder que imaginar se pode com possibilidade de guardar o homem do mal e da morte. É o poder que Deus tem de mudar o carácter do homem e de o capacitar como cidadão do reino celeste. Os que aprendem esta verdade fundamental e a aplicam aos seus próprios corações são os que mais tarde se tornarão os maiores viajantes do espaço na história do nosso mundo. O seu objectivo é a vida, a verdadeira vida, vida dinâmica num mundo onde há alegria eterna.

Suponhamos de novo que eramos leitores casuais da Bíblia, e que encontravamos no fim da mensagem do terceiro anjo as seguintes palavras: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» Apocalipse 14:12. A minha mente seria impressionada pelo pensamento de que no meio deste conflito entre os seguidores de Cristo e os do poder da besta se salientariam majestosamente os Dez Mandamentos. Certamente os que seguem ao Senhor obedecerão a todas

estas leis, enquanto os que seguem o poder da besta desobedecerão no todo ou em parte.

Este estudo fornece uma chave concreta para encontrar o verdadeiro povo de Deus, nestes últimos dias. Visto que tais mensagens são universais na aplicação, procurarei um povo que se desloque de um lado para outro do globo, proclamando estas três mensagens e ensinando a guardar todos os Dez Mandamentos *assim como* o Testemunho de Jesus. Não levará muito tempo a descobrirmos que os Adventistas do Sétimo Dia são os únicos que fazem exactamente isso — um outro ponto peculiar que justifica a nossa existência.

Se fosse apenas um leitor casual do livro do Apocalipse, ser-me-ia impossível passar por alto as repetidas referências a uma besta, ao número da besta, ao sinal da besta, que se encontram nos capítulos treze e catorze. Mas o que me deixaria atônito seriam as seguintes frases do capítulo 13:

«*Toda a terra se maravilhou após a besta.*» Verso 3. «E deu-se-lhe poder sobre *toda a* tribo, língua, e nação.» Verso 7. «E adoraram-na *todos* os que habitam a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida.» Verso 8. «E exerce *todo* o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra, e os que nela habitam, adorem a primeira besta.» Verso 12. «E faz que a *todos*, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas.» Verso 16.

Notemos estes cinco *todos*. Encontra-se aqui descrita uma fantástica alusão a toda a terra. Há evidência insofismável de que esta força terrível e diabólica é um poder que avassalará o mundo, que dominará quase todo o ser humano!

É indubitável que o que acabamos de ver não trata apenas de intriga política, por que o factor *adoração* está envolvido. A nossa lealdade espiritual é posta à prova. Toda a população do mundo *adorará* uma autoridade falsa — todos excepto aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Lede de novo os versículos 7 e 8 do capítulo 13 e notai a sua semelhança com a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14. Encontramos aqui uma contrafacção da mensagem do primeiro anjo que irá a todo o mundo simultaneamente com a verdadeira mensagem de Deus. A diferença está em que um grupo — de longe o mais numeroso — *adorará* o poder da besta, e um grupo mais pequeno *adorará* a Deus.

Podemos agora explicar o que significa «o vinho da ira de Deus». Esta poderosa bebida é de morte, derramada impiedosamente. Já mais uma bebida semelhante foi oferecida aos habitantes da terra. A sua fórmula en-

contra-se em Apocalipse 16, que descreve as sete últimas pragas. Alguns poderão pensar que as pragas não são reais, mas o pecado, o crime e o desespero que constatamos hoje na terra, não são certamente irreais. Uma curta visita a um hospital para ali vermos pessoas a morrer de cancro devia-nos convencer de que estas pragas têm um significado literal e espiritual.

Note-se em Apocalipse 16:2 que a primeira praga é derramada sobre os que têm «o sinal da besta, e sobre os que adoram a sua imagem.» O versículo dezanove declara claramente que Deus vai dar a beber aos ímpios uma taça com o vinho da Sua ira. Os que beberem o vinho da rebelião de Satanás beberão igualmente do vinho da ira de Deus. A única alternativa para estas bebidas é tomar da água da vida de Cristo.

Para se entrar nesta reunião social de malfetores, quando o cântico do cisne for cantado, será necessário um bilhete ou uma determinada marca registada. É uma marca registada religiosa muito simples de obter se desejarmos assistir a essa reunião. Pessoalmente, não desejo um convite para ela. Compreendo perfeitamente quantas pessoas de grande e pouca importância se encontrarão ali. Estarão presentes reis, rainhas, príncipes e princesas, sacerdotes e ministros, grandes industriais, estrategas, presidentes, artistas, professores — em suma, a maioria dos governantes do mundo estarão ali, além da maioria das outras classes sociais. Mas apesar de companhia tão selecta, e apesar de ter a oportunidade de me encontrar com os grandes do mundo, continuo a desejar que o meu nome não se encontre nessa lista de convidados. Tenho até o propósito constante, a preocupação diária, de ter a certeza de que não provarei do vinho da ira de Deus!

Vamos agora ver quem é a besta. Apocalipse 13:2 explica cuidadosamente que o dragão dá o melhor que tem: «o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.» Noutras palavras, o dragão é a mola real que está por detrás da besta. Esta é apenas uma cobertura, uma capa para o dragão. Portanto, para sabermos quem faz a besta operar, necessitamos de ver quem é e o que faz o dragão.

Lede rapidamente Apocalipse 12:7-9. O ponto central é que este dragão foi expulso do céu e é chamado «o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo.» Não pode ser

mais claro. Sem dúvida que o poder papal é a principal dentre as organizações cristãs, por meio de quem Satanás opera, e é simbolizado pela besta da mensagem do terceiro anjo.

Tem sempre existido e continuará a existir o conflito entre o bem e o mal, motivado por princípios. O problema hoje é que a maior parte de nós não pensa suficientemente, não raciocina suficientemente, não estuda suficientemente, a fim de descobrir os princípios envolvidos neste ou naquele acontecimento que diariamente se nos depara. O que torna algo bom ou mau é o princípio que envolve. A mente humana, atrofiada pelo pecado durante séculos, é atraída facilmente pelo que é superficial. Raramente fazemos uma retrospectiva para averiguar o que realmente cada acontecimento implica e para descobrir as suas causas.

Por exemplo: quantos de nós temos por hábito ver qualquer espécie de programa que a televisão apresenta e que nos agrada? Pensamos puerilmente que a maioria dos programas não tem nada de mal. Contudo estudos científicos têm demonstrado que aqueles que vêem programas que envolvem violência são muito mais agressivos e prontos a infligir dor ao seu próximo do que os que se recusam a ver programas que contêm crime, ódio e violência. Há um princípio definido envolvido neste assunto e que é incontestável.

Um Abatimento que foi ouvido em todo o mundo

Já ouviste alguma vez falar no abatimento da quarta ponte pênsil mais comprida e mais bela do mundo? Ela não durou mais do que quatro meses. Na manhã do dia 7 de Novembro de 1940 foi sepultada num túmulo de água. Até então tinha suportado bem as rajadas de vento mais fortes mas quando este atingiu a velocidade de 60 km. horários ela abateu de uma altura de 60 metros no Puget Sound. Esta ponte era o orgulho do Noroeste do Pacífico. Tinha 1823,6 metros de comprimento e custara 6,4 milhões de dollars. Chamava-se a ponte Tacoma Narrows.

Tem-se escrito artigos desde então mostrando que deste desastre aparente um causal de conhecimento tem brotado, tornando possível construir pontes pênseis muito

mais compridas e resistentes. Mas o que não é do conhecimento geral, e que nunca foi publicado, é que havia um engenheiro dentre vários, que sabia que esse abatimento ia dar-se. Numa carta que ele escreveu ao filho dois dias depois do terrível desastre, disse: «Ontem fui ver os escombros da ponte. Foi impressionante contemplar o que resta de estrutura tão bela. ...Não tens nada que te preocupar comigo, nem eu tenho nada que me preocupar, porque estou salvaguardado pelos meus relatórios sobre as condições da ponte desde que começou a ser construída. O meu nome nunca foi mencionado nos jornais em relação ao acontecimento e eles sabem bem que é melhor não o fazerem. Preveni o governo várias vezes antes de deixar o trabalho em 25 de Julho de 1940, para que os planos da ponte não fossem aceites enquanto não existissem condições de garantia que o justificassem suficientemente. Não tenho nada a ver com o abatimento de tão bela estrutura. Os responsáveis tiveram tempo de sobra para tomarem as providências necessárias, mas demoraram demasiado, até ao ponto em que as suas medidas de precaução não mais são necessárias.»

Esta fascinante história está repleta de ilustrações aplicáveis às nossas vidas espirituais. Não é Deus o Engenheiro por excelência que criou o homem, fazendo uso de certas leis e princípios, os quais, afinal, foram igualmente feitos por Ele? A extraordinária estrutura da natureza espiritual e física do homem mostram a grandeza do divino Engenheiro.

A cada criatura, deu Deus uma série de instruções — orais — sobre como continuar a progredir nos princípios da verdadeira força e crescimento. Mas veio um dia um cataclismo — cataclismo esse de efeitos de longe mais desastrosos que os do abatimento da ponte atrás mencionada. Foi o colapso de uma das facetas do Seu plano arquitectónico relativo aos seres-viventes. Trata-se da queda de Lúcifer — uma queda de efeitos tão imensos que Jesus referindo-se a ela diz: «Eu via Satanás, como raio, cair do Céu.» Lucas 10:18. Essa queda ocasionou uma derrocada de consequências universais. Deu início a uma reacção em cadeia por meio da qual biliões de seres começaram a agir de acordo com princípios errados provocando a derrocada de um terço das forças angélicas. Não se pode atribuir a Deus a cul-

pa deste cataclismo. Ele tentou mostrar à Sua criatura que a derrocada seria inevitável a não ser que houvesse uma obediência absoluta a certos princípios divinos. Mas Lúcifer escolheu o caminho da rebelião.

Devíamos actualmente procurar descobrir quais os princípios que Satanás e os seus anjos estão a usar. Há um certo princípio do mal que, como uma teia de morte, é tecido por Satanás, o dragão, a besta, a imagem da besta e o sinal da besta. Quando compreenderdes de que princípio se trata, então sabereis o que faz Satanás ser o que é, e o que torna o poder da besta tão maligno.

A fim de compreendermos o que está por

detrás de todo o mal, devemos compreender o que significa «salvação pela fé». Gravaí estas palavras nas paredes da vossa mente, com letras de ouro. Satanás, como é costume, possui sempre uma imitação, uma réplica para todas as verdades de Deus, e a réplica para «salvação pela fé» é «salvação pelas obras». A luta entre Cristo e Satanás anda à volta destes dois sistemas. Como Teias de ouro e teias negras elas envolvem as Escrituras, do Génesis ao Apocalipse. Todo o ser humano age de acordo com um destes dois princípios. Não há uma terceira hipótese. O caminho da rebelião é um caminho arduo, ao passo que o caminho da liberdade é um caminho de entrega total. A decisão pertence-vos. Que princípio ireis escolher?

QUARTA-FEIRA

EU, ME, MIM, MEU

O objectivo supremo de cada acto de todas as criaturas de Deus em todo o Universo era dar-Lhe honra como Criador. Cada palavra, pensamento, motivo e acção devia mostrar o amor e justiça de Deus. Cada nova aventura dos anjos devia resultar em torná-los mais cónscios do facto de que tudo deviam a Deus. Amar a Deus, o ser infinito, era o desejo de Deus para as Suas criaturas. Jesus tornou isto claro em Marcos 12:30: «Amarás pois ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças». Esta atitude consistentemente mantida traria como resultado verdadeira felicidade. Sem ela, a vida não tem qualquer significado.

Já notastes uma pequena frase em que muitos não reparam no coração da mensagem do terceiro anjo? Referindo-se aos que têm o sinal da besta, diz: *Não têm repouso nem de dia nem de noite* os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do Seu nome. Relegamos com frequência esta frase para o juízo final em que

os ímpios estarão diante de Deus *após* o milénio. Mas não é verdade que os ímpios hoje não têm repouso nem de dia nem de noite? O mais agitado e desasossegado ser humano do mundo é o que anda com uma consciência violada. Isaías 48:22 declara: «Os ímpios não têm paz».

Mas os que procedem de acordo com o princípio do selo de Deus e Lhe obedecem têm uma paz infável. Os que procedem de acordo com o princípio do selo de Deus da salvação pela fé são os que têm «a paciência dos santos». (Apoc. 14:12) Há uma calma paciência e confiança, uma imperturbabilidade naqueles que vivem pela fé. Esses são os que continuamente crêem e operam de acordo com o princípio de que a vida e a justiça só lhes pertencem pelo gracioso dom de Deus. Isaías 48:18, diz: «Ah! Se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! Então seria a tua paz como o rio, e a tua justiça como as ondas do mar».

Chegamos agora a um passo extremamente importante no nosso estudo. O princípio elementar que justifica a dou-

trina da salvação pela fé é *o poder criador de Deus*. O homem foi feito à imagem de Deus, mas ao enumerarmos as semelhanças e capacidades de Deus e das Suas criaturas, a capacidade para criar apresenta-se única e diferente. A ciência descobre; nunca cria! O homem pode raciocinar, inventar, realizar feitos maravilhosos, mas isso são apenas sombras da imagem de Deus. O homem pode ser capaz de desintegrar o átomo, mas não pode *criar* um único sequer! Mandar que algo passe à existência partindo do nada é uma capacidade que Deus nunca partilhou. Quando falo de Deus, refiro-me sempre à divindade. Deus reservou exclusivamente para si o Seu poder criador. O homem não possui qualquer vestígio deste talento. Além disso, o homem não só não pode criar mas é incapaz de compreender ou descobrir a fórmula que Deus usa na criação. Explicar ao homem como Deus produziu uma ameba unicelular seria mil vezes mais difícil do que a formiga explicar os segredos da bomba atômica. Tudo o que o homem pode fazer (e isso agrada a Deus) é aceitar pela fé o poder e capacidade criadora de Deus. A tragédia é que o homem no seu estado rebelde assume ousadamente a atitude blasfema de que a Bíblia é incompreensível. E então, ao mesmo tempo, o homem enche bibliotecas com livros e revistas tratando de explicar como começou a vida mas deixando a Deus completamente fora da cena.

Há alguns meses atrás, li numa revista três razões pelas quais os homens querem chegar à Lua. São as seguintes:

1. O geólogo espera encontrar a chave para descobrir quando e como a Terra veio à existência.

2. O biólogo deseja saber se há ali quaisquer vestígios de existência que possam resolver o enigma do que é realmente a vida.

3. O astrónomo espera que uma visão definitiva da lua possa ajudar a desvendar o segredo de como foi formado o sistema solar.

Notai que cada uma destas razões tem que ver com a origem da vida — a origem da vida e da matéria. Pensai nos milhões de contos que estão sendo dis-

pendidos para descobrir estas respostas quando a Palavra de Deus, que contém a resposta, pode ser comprada por uns escassos escudos em qualquer livraria!

Considerai agora este importante facto: Satanás procurou intencionalmente apagar das mentes dos homens a verdade do poder criador de Deus. Na realidade o esquecimento de que Deus foi o seu Criador é que ocasionou a queda de Satanás. Se Satanás tivesse humildemente admitido ter sido criado por Deus, nunca teria sido escrita a triste história do pecado e da queda do homem.

Satanás varrera da sua própria mente esta verdade. Era forçado a fazê-lo como condição de êxito para a Sua rebelião. Satanás negou *o poder criador e mantenedor de Deus*. O nome Lúcifer significa simplesmente «portador de luz» ou «ser luminoso». Notai cuidadosamente que a dificuldade começou não exteriormente, mas *interiormente*. O mesmo tem sucedido com cada pecado desde que o pecado entrou no mundo. O pecado começa no coração, que é o termo simbólico para mente. «Eu subirei... eu exaltarei... eu me assentarei... eu serei semelhante ao Altíssimo». Isaías 14:13, 14. Estes quatro «eus» da exaltação própria revelam o ingrediente básico do pecado! O orgulho do *eu*, do poder, da posição, da capacidade e da independência é o lema de hoje. É o espírito do «Vêde quem eu sou», «Olhai para o que eu posso fazer», «Olhai para o que eu tenho». Os livros das primeiras letras têm frases como estas: «O bebé diz: «Olhai para mim»», e «o irmão diz: 'Vê o que eu estou a fazer'». Desde os primeiros dias a educação centralizada no próprio eu é a regra. Oh, como este espírito enche o mundo de hoje!

Há alguns anos atrás, visitei o famoso Parque Frogner em Oslo, Noruega. O famoso escultor norueguês Gustavo Vigeland esculpiu o mistério da vida em dezenas de estátuas. O centro de atracção é um tremendo monólito granítico de um grupo de contorcidos e esforçados seres humanos tentando atingir o cimo. Dos rostos esculpidos de homens, mulheres, rapazes e meninas estava ausente uma coisa — o sorriso. Só havia

expressões de ansiedade, desespero e avidez. Ao contemplardes aquele grupo, tirais as vossas próprias conclusões. Para mim, aquele monumento é um símbolo do espírito da raça humana de hoje. É um símbolo do espírito de Satanás.

O lema da vida para muitos é «Exaltai-vos», «Avançai», «Buscai posição», «Elevai a vossa situação». São dados aos homens títulos com sons impressionantes. Os porteiros são chamados gerentes de serviço dos edifícios. Os cavadores são chamados engenheiros terrestres. Lavadores de pratos têm sido chamados superintendentes dos utensílios de cozinha. Jardineiros são artistas panorâmicos. Colectores do lixo são supervisores sanitários. Sorrimos mas como é verdade que no mais profundo do rebelde coração humano há um anseio por reconhecimento e posição.

Voltando a Lúcifer vemos que ele desejava o poder de Deus, não o Seu carácter; a direcção de Deus, não o Seu amor; a realeza de Deus, não a Sua bondade; o poder criador de Deus, não a Sua liberalidade; a honra de Deus, não a Sua humildade; a posição de Deus, não a Sua personalidade.

Foi precisamente neste ponto que teve origem a palavra *rebelião*. Os lexicógrafos celestes introduziram pela primeira vez esta palavra no dicionário divino. Antes disso nenhum ser celeste jamais tinha ouvido, e muito menos pensado, na palavra *rebelião*. Quão estranha foi para o Céu a entoação desta fatídica palavra *rebelião*.

Que implica a rebelião? Implica o estabelecimento de um governo com as suas próprias leis em oposição ao governo e às leis de Deus. Contrafazer cada aspecto do reino de Deus era o objectivo de Satanás. A própria essência do reino de Satanás é: «Posso viver por mim próprio». Assim começou o princípio do sinal da besta nas próprias cortes do Céu. É uma usurpação das prerrogativas e poder de Deus. Os que eventualmente forem assinalados com o sinal da besta nestes últimos dias clamarão: «Eu sou a minha própria autoridade», «Eu sou Deus», «Eu sou».

É interessante notar que especialistas de doenças mentais há alguns anos

atrás calcularam cuidadosamente o número de vezes que pessoas mentalmente doentes usavam palavras tais como «eu», «me», «mim», e «meu». Estas infelizes pessoas usavam estas palavras, referindo-se a si mesmas, na proporção de uma por cada doze palavras de conversação. Esses mesmos cientistas analisaram a linguagem das pessoas chamadas normais. (Final não há ninguém inteiramente normal. As pessoas mais normais do mundo são as que se submetem ao Senhor Jesus Cristo e recuperam o uso correcto das suas mentes. É só pelo Seu poder que a concupiscência, a inveja, hábitos viciosos e outros maus traços de carácter podem ser subjugados e vencidos). O cálculo da conversação de indivíduos normais mostrou que só uma destas palavras referindo-se ao próprio eu era usada em cada 36 palavras. Noutros termos, os mentalmente desequilibrados referiam-se *três vezes* mais ao próprio eu do que os que eram normais. Será possível que uma grande percentagem das doenças mentais que hoje vemos por toda a parte sejam um resultado directo de insegurança ocasionada pela busca do próprio eu?

É extremamente importante salientar de novo que o programa de rebelião de Satanás suprimiu ou perverteu os antecedentes históricos de sua própria existência. Reconhecer que Deus era o seu Autor arruinaria naturalmente a sua revolta antes de esta ter começado. Insensatamente deu expressão à desafiadora pretensão: «Eu sou Deus». Ouvi o que Deus diz através do profeta Ezequiel ao descrever as pretensões de Satanás: «Assim diz o Senhor Jeová: Visto como se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no meio dos mares». Ezequiel 28:2. Que profano orgulho! O significado hebraico e grego de *diabo* é «caluniador», e certamente isso é verdade quando se trata de Satanás.

O aspecto resplandecente de Lúcifer é descrito no verso 13, mas notai cuidadosamente as palavras com que termina: «*no dia em que foste criado*». Isto devia tê-lo chocado, mas assim não sucedeu. Essas palavras do Altíssimo eram a prova suprema de que o Senhor, e

não Satanás, era Deus. Para salientar que tudo o que Satanás tinha antes de sua queda lhe pertencia *unicamente* como dádiva e não por suas próprias obras, Deus declarou que ele era o «querubim ungido para proteger e te estabeleci». (Verso 14). O versículo 15 repete a verdade de que Satanás era um ser criado. Em suma, a *existência* e *posição* de Lúcifer eram suas como dádivas apenas. Ele não as merecia nem ganhara, mas Deus por amor lhas dera. Tudo quanto Satanás possuía tinha-lhe sido dado pelo amoroso poder criador de Deus.

Assim começou o conflito dos séculos — a luta entre Cristo e Satanás. Essa luta gira em volta de um tema central. De um lado é a multidão de rebeldes seres criados que têm como Seu tema, «Eu sou Deus». Estes são os que beberão o vinho da ira de Deus e estão assinalados para a morte eterna. Mas do lado oposto encontra-se uma hoste de súbditos submissos e amantes do verdadeiro Deus, que declaram: «O Senhor é Deus e nós somos Seus filhos». No meio deles está a cruz de Cristo que é símbolo da crucifixão do próprio eu. Estes são os que seguiram a admoestação de Isaías 45:22: «Olhai para mim e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque Eu sou Deus, e não há outro».

Ao voltardes hoje para casa, ide com este pensamento no espírito, de que Deus reina supremo no Universo. Olhai para Ele e sereis salvos. O pensamento mais enobrecedor e reconfortante para o espírito humano é que pertencemos a Deus. Deus fez-nos; ele é o nosso Pai, nós somos Seus filhos. Os que olham para Ele vivem!

O famoso pregador Carlos Spurgeon relata a experiência da sua conversão: «O ministro não mais veio aquela manhã; suponho que tinha sido apanhado pela neve. Por fim, um homem muito magro, sapateiro, alfaiate ou coisa semelhante, subiu ao púlpito para pregar. Ora, é bom que quem prega seja instruído; mas aquele homem era realmente ignorante. Foi obrigado a limitar-se ao seu texto, pela simples razão de que pouco mais tinha para dizer. O texto era: 'Olhai para Mim, e serei salvos, vós, todos os termos da Terra'. Isaías 45:22.

Ele nem sequer pronunciava as palavras correctamente, mas isso pouca importância tinha. Havia, pensava eu, um vislumbre de esperança para mim naquele texto.

«O pregador começou assim: «Prezados amigos, este é na realidade um texto muito simples. Diz ele: «Olhai». Ora olhar não exige muito esforço. Não é necessário levantar o vosso pé ou o vosso dedo; basta «olhar»: Pois bem, não é necessário frequentar o colégio para aprender a olhar. Podeis ser o maior estúpido, e todavia sois capazes de olhar. Um homem não precisa de ganhar muito para poder olhar. Todos podem olhar; até uma criança pode olhar. Mas em seguida o texto diz: «Olhai para *Mim*». Ah! disse o pregador. Muitos de vós estais olhando para vós mesmos, mas de nada vale olhar para ali. Jamais encontrareis qualquer contorto em vós mesmos. Alguns olham para Deus o Pai. Não, olhai para Ele de vez em quando. Jesus Cristo diz: «Olhai para *Mim*». Alguns de vós dizeis: «Devemos aguardar pela operação do Espírito». Não é disse que necessitais agora. Olhai para Cristo. O texto diz: «Olhai para *Mim*».

«Então o bom homem continuou com seu texto desta maneira: «Olhai para *Mim*; eu estou suando grandes gotas de sangue. Olhai para *Mim*; estou dependurado na cruz. Olhai para *Mim*; estou morto e sepultado. Olhai para *Mim*; Eu ressuscito. Olhai para *Mim*; Eu subo ao Céu. Olhai para *Mim*; estou sentado à mão direita do Pai. Ó pobre pecador, olha para *Mim*! Olha para *Mim*!»

«Quando chegou a esse ponto tendo gasto mais ou menos uns dez minutos, chegou ao fim do seu discurso. Então olhou para mim, e como estavam tão poucos presentes logo reconheceu que eu era um estranho. Fixando os olhos em mim como se conhecesse todo o meu coração, disse: «Jovem, tu pareces muito infeliz». Bem, de facto eu era-o, mas não estava acostumado a que me fizessem observações do púlpito sobre a minha pessoa. Todavia atingiu-me em cheio. Continuou ele: «E serás sempre infeliz, infeliz na vida, e infeliz na morte — se não obedeceres ao meu texto; mas se obedeceres agora, neste momento,

serás salvo». Então, levantando as mãos, clamou como só um primitivo metodista podia fazê-lo: «Jovem, olha para Jesus Cristo. Olha! Olha! Olha! Nada mais tens a fazer senão olhar e ver!»

«Vi imediatamente o caminho da salvação. Não sei que mais disse ele — não lhe prestei muita atenção — tão dominado estava por este pensamento. Como quando a serpente de metal era levantada, as pessoas olhavam para ela e eram curadas, assim sucedeu comigo. Eu tinha estado à espera para fazer cin-

quenta coisas, mas quando ouvi aquela palavra, «olha!» que encantadora palavra me pareceu! Oh! Eu olhei até quase ter deslumbrado a vista. Ali e naquele momento a nuvem desaparecera, as trevas tinham-se dissipado e vi o Sol; e pude levantar-me naquele instante e cantar com o maior entusiasmo acerca do precioso sangue de Cristo e da fé simples que olha só para Ele. Oh, porque ninguém me disse isso antes? 'Confia em Cristo e serás salvo'». (*Autobiografia*, de C. H. Spurgeon, págs. 105-107).

QUINTA-FEIRA

Salário ou Dádiva?

Quando o primeiro *platypus*, um estranho mamífero com um bico de pato e coberto de pêlos, foi exportado para a Inglaterra, os cientistas recusaram acreditar que se tratasse de um animal autêntico! Pensavam que alguém lhes tinha pregado uma partida juntando várias partes de diversos animais etiquetando de *platypus* o estranho produto. Só quando dissecaram o espantoso animal se convenceram finalmente de que na verdade ele era real.

Que pensaríeis se fosseis ao Jardim Zoológico e vísseis um animal composto das seguintes partes: corpo de leopardo, pés de urso e boca de leão?

Que fascinante criatura seria! O livro de Apocalipse 13:2 descreve precisamente esse animal. Os estudantes da Bíblia sabem que Deus usa animais como símbolos de poderes políticos e religiosos. Não faz hoje o mundo o mesmo? Que vos ocorre à mente ao verdes o desenho de um urso, uma águia, um burro, um elefante ou um dragão? Imediatamente pensais na Rússia, nos Estados Unidos, nos Democratas, nos Republicanos e na China. Assim realmente não é tão estranho que Deus use animais como símbolos.

Voltando a este híbrido animal de Apocalipse 13, haveis de notar que os

segmentos do leopardo, do urso e do leão têm relação com Daniel 7. O poderoso *leão* representava a poderosa *Babilónia*. O *urso*, levantando-se de um lado, simbolizava o reino gémeo da Medo-Pérsia com a Pérsia na ascendência. O veloz *leopardo* de 4 asas representava a *Grécia*, que sob a chefia de Alexandre rapidamente se espalhou pela maior parte do mundo conhecido. Esses três animais foram usados para formar o animal composto que representava a Roma pagã e papal. A advertência da mensagem do terceiro anjo é contra a adoração deste composto animal e a recepção do seu espantoso sinal. Esta mensagem esclarece que nestes últimos dias haverá uma grande federação do mal, patrocinada por este composto poder que eventualmente domina todo o mundo — excepto aqueles cujos nomes se encontram na lista dos salvos. Noutros termos, todos os subtis, falsos e maus elementos que havia nos *antigos impérios mundiais* descritos em Daniel 7 encontrar-se-iam nestes últimos dias no animal simbólico de Apocalipse 13.

Estes combinados enganoso, como uma gigantesca seringa hipodérmica reflecta de todo o terrível mal inventado desde o tempo de Babilónia até agora, estão sendo injectados na raça humana.

Só os que foram inoculados com a vacina da salvação podem sobreviver ao mortífero soro de Satanás.

Babilónia

Um breve exame dos princípios do mal nestes antigos impérios mundiais habilitar-nos-á a compreender mais perfeitamente a natureza real do animal leopardo-urso-leão. Principiando com *Babilónia*, haveis de vos lembrar do desagrado de Nabucodonozor quando Daniel interpretou o sentido da imagem que tinha cabeça de ouro. O resto da imagem era constituída por prata, cobre, ferro e barro. Daniel proclamou que só a cabeça de ouro simbolizava Babilónia. Isto abalou de tal maneira o ambicioso rei que mandou fazer uma grande imagem de 100 pés de altura, toda ela em ouro. Como vedes, o seu orgulho decidiu que Babilónia durasse para sempre.

Mas notai o desfecho desta história. A ordem era ou curvar-se e *adorar a imagem* ou ser consumido na fornalha ardente. Comparai este ultimato com o que se encontra profetizado em Apocalipse 13:15. «Que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta». Ah, mas havia um remanescente nos dias de Nabucodonozor que recusou curvar-se e adorar a imagem de ouro. Fiéis jovens de Deus declararam: «Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.» Daniel 3:18. A ordem de Nabucodonozor para adorar a imagem ilustra em certo sentido o *Princípio do sinal da besta*. Os que se curvaram e violaram o segundo mandamento agiram de acordo com esse princípio. Recusaram viver pelo poder de Deus. Notai, jovens, que o *problema é idêntico aos nossos dias*. Centraliza-se principalmente no quarto mandamento. Desejais manter-vos como os leais jovens dos dias de Daniel e declarar: «Não santificaremos um dia estabelecido pelo homem. Queremos obedecer ao mandamento de Deus e honrá-lo?»

Medo-Pérsia

Vejamos agora a parte de urso neste compósito animal. Em Daniel 7 o urso simbolizava a *Medo-Pérsia*. Lembrais-vos da história de Mardoqueu, que

recusou curvar-se perante Hamã. O vil Hamã era um símbolo do poder satânico; o seu objectivo era a destruição do povo de Deus. Mardoqueu simbolizava os leais e fiéis servos de Deus.

O rei Assuero ordenara que todos os seus súbditos se curvassem perante Hamã e o reverenciassem. (Ester 3:2). Mardoqueu, que se sentava às portas do rei, recusou curvar-se e adorar qualquer homem, pois isso era uma violação da Lei de Deus. Os servos do rei notaram a recusa de Mardoqueu em reverenciar Hamã. Perguntaram-lhe: «Porque traspassas o mandado do rei?» (Versículo 3.) Aqui está uma *decisão significativa*. Obedecerá o homem à lei de um rei que viola a lei de Deus, ou obedecerá à lei de Deus?

Hamã disse ao rei que havia um povo espalhado por todo o seu império «cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as leis do rei. . . . Se bem parecer ao rei, escreva-se que os matem.» (Ester 3:8,9). O propósito de Hamã de eliminar o povo de Deus é *idêntico ao que se há-de manifestar* quando forem publicados decretos para matar os que se recusem a curvar-se perante a autoridade humana quando em conflito com a lei de Deus.

Grécia

A única história de que dispomos da Grécia simbolizada por um leopardo é secular e não bíblica. Notai os seguintes pontos:

1. *Surto de intelectualismo*. Nunca antes na história do mundo houve uma tal produção de famosos artistas, célebres escritores e profundos pensadores. Foi um período em que os homens se elevaram até aos pináculos da glória.

2. *Divinização dos Reis*. O mundo helenístico cria que os espíritos dos grandes homens se tornavam divinos por altura da morte. O mais ilustre chefe da Grécia, Alexandre Magno, foi saudado pelos sacerdotes egípcios como o filho de Amon-Rah, o deus-sol egípcio. Alexandre chegou a exigir que todos os seus súbditos, tanto gregos como orientais, o adorassem como um ser divino. Este conceito desempenhou uma parte

importante no desenvolvimento da elevação do homem a um estado quase divino no Império Romano — tanto pagão como papal.

Em toda esta evolução vemos o fio negro do *signal da besta*, da salvação pelas obras. O homem não necessitando de um salvador — podendo salvar-se a si próprio. É a elevação do homem à supremacia, tornando as leis do homem supremas em relação à lei de Deus. Este tema da glorificação do homem percorre os antigos impérios mundiais. Nos últimos momentos do tempo, a besta de Apocalipse 13 e 14 combina estes maus traços num gigantesco sistema que em breve estabelecerá uma federação religiosa mundial baseada na premissa da autoridade do homem, das leis do homem, do pensamento do homem, como superiores à vontade e à palavra de Deus. Na realidade, despreza o poder da salvação pela fé como centro do plano da salvação. Este poder ferino tornar-se-á em violento poder perseguidor, procurando exterminar todos os que humildemente permanecerem fieis aos mandamentos e leis de Deus.

Início no Éden

Observai como este princípio do *signal da besta* foi introduzido em nosso pequeno mundo. Adão e Eva escolheram deliberadamente desafiar a autoridade de Deus. A tentação de aceitar a oferta de Satanás, «Sereis como Deus» (Gênesis 3:5), era fascinante. Quantos de nós regeitaríamos esta oferta se cressemos que legitimamente podíamos *ser Deus*? Tragicamente, eles caíram na cilada. O espírito de independência cativou seus corações. A ideia de viver por seu próprio poder, seguindo os seus próprios caminhos, era cativante. Podiam entrar agora numa experiência eufórica de liberdade. Podiam declarar: «Somos deuses! Somos a nossa própria autoridade!»

Antes de existir o pecado, nossos primeiros pais nunca tinham experimentado a vergonha. Depois de pecarem tornaram-se conscientes da sua nudez. O pecado destituiu-os da sua veste de luz. O pecado é um estado nú. O pecado é

vergonha. As modas quase nuas de hoje são uma forte indicação da atitude geral para com o pecado e a vergonha.

A seguir ao seu pecado, Adão e Eva fizeram vestes de folhas de figueira. Este acto de se vestirem era um acto de justificação própria. A palavra *justiça*, que simplesmente significa a qualidade de ser recto ou correcto, produziu a palavra justificação. Todos querem ser rectos ou justos. Ninguém deseja estar errado. Queremos ser rectos, ou ter razão, ainda que para isso tenhamos de criar desculpas ou fabricar argumentos para provar que somos rectos — mesmo quando estamos a fazer mal.

A primeira coisa que vem à mente de um malfeitor é o pensamento de justificação própria. Maria é apanhada a tirar biscoitos da lata de biscoitos da mãe. Quando a mãe começa a ralhar-lhe, Maria reage imediatamente, dizendo: «Mãe eu fiz isso porque...» Se uma pessoa comete um acto mau e a sua consciência é sensível, ou tenta cobrir o seu estado nu de maldade com desculpas, ou confessa a sua maldade e recebe perdão. No sentido cristão este perdão equivale a ser coberto com as vestes da justiça de Cristo.

Se o malfeitor não toma uma destas duas atitudes, o mal deixará com toda a probabilidade de lhe parecer mal. Sua consciência será cauterizada com o ferro em brasa da indiferença. Por outro lado se a consciência permanece sensível e uma pessoa persiste em fazer mal, pode seguir-se um colapso mental ou nervoso. Em termos mais claros, enquanto a consciência é sensível, o homem pode justificar as suas acções duma maneira ou de outra, como Adão e Eva tentaram justificar-se pelas suas próprias obras.

É impossível abrir o vosso próprio caminho para a justiça e o Céu. Podeis abrir o caminho para o Inferno, mas não para o Céu. Não há salário para as boas acções. Tendes a vossa paga pelas más acções, mas obtendes um dom pela submissão da vossa vida a Cristo. «O salário do pecado é a morte; mas o *dom* de Deus é a vida eterna». Romanos 6:23.

Dum modo bastante dramático, Deus imprimiu esta verdade sobre as mentes do primeiro par. Adão recebeu ordem

de matar um animal com as suas próprias mãos. Ele nunca tinha visto uma flor morta, nem um animal morto. Nunca tinha visto um movimento que significasse violência. Imaginai como a sua mente foi tomada de horrível remorso ao levantar uma faca, uma faca que tinha sido usada apenas para cortar frutos das árvores e para outros deveres domésticos, mas nunca para tirar a vida a uma inocente vítima. O acto de matar deixou Adão abalado ao compreender que o seu pecado tinha causado a morte de um inocente animal.

Chegamos agora ao «dom de Deus». O Senhor tomou as peles desses animais e fez vestes tanto para Adão como para Eva. (Gênesis 3:21.) Este *dom* do vestuário feito por Deus substituiu as vestes de folhas de figueira feitas pelo homem. A partir desse momento, ao usarem as vestes de peles, Adão e Eva ficaram conscientes de duas coisas:

1. O pagamento pelo pecado requer a morte de Jesus, simbolizada por um sacrifício animal.

2. A justiça e a vida eterna são oferecidas como um dom, simbolizado pelo vestuário feito e dado a eles por Deus.

Percorrei através da Bíblia o vestuário e vereis que repetidamente ele é usado como símbolo das vestes da justiça de Cristo. Isaías disse: «Ele me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça.» Isaías 61:10. Paulo refere-se a essas vestes como sendo «armas de justiça» (II Coríntios 6:7).

Assim, desde o primeiro dia do pecado, Deus fez todo o possível por mostrar claramente que o homem era por completo impotente para se salvar a si próprio. O homem é impotente para transformar a sua vida, impotente para cobrir os pecados, impotente para se justificar, impotente para a si próprio se tornar justo! A salvação é Deus agindo em favor do homem. Adão e Eva não podiam fazer as suas vestes; só puderam matar o animal. Que terrível preço pagaram por agirem de acordo com o princípio do sinal da besta!

Caim e Abel ilustram poderosamente os princípios do sinal da besta e do selo de Deus. Aprenderam que a pior coisa que pode suceder a uma pessoa é

seguir o seu próprio caminho pecaminoso. A vontade própria de Caim ditou que os vegetais eram tão bons como os animais para sacrifícios. Mas o sacrifício deve derramar o sangue como símbolo de a vida ser tomada como pagamento pelo pecado. Por isso todo o sacrifício simbólico deve necessariamente ser uma criatura viva e não um produto vegetal. Até as próprias beterrabas não têm sangue!

A motivação é importante

Outro ponto extremamente importante é o motivo que inspira o sacrificador. Caim fez a sua oferta como um *favor a Deus*. E assim tornou-se um símbolo do seu *próprio pagamento* pelo pecado. Não havia o mínimo pensamento da sua necessidade pessoal de um *dom de Deus*!

Para tornar o assunto mais claro, notai a diferença entre os dois sistemas:

1. O sistema do sinal da besta da salvação pelas obras apresenta um dom a Deus sob a forma de obras pessoais numa tentativa de obter ou comprar o favor divino.

2. O sistema do selo de Deus da salvação pela fé oferece um sacrifício a Deus significando a fé do pecador no Salvador Jesus Cristo.

Caim e Abel tinham certas coisas em comum:

1. Ambos eram irmãos criados no mesmo lar.

2. Ambos tinham a mesma instrução religiosa.

3. Ambos eram pecadores e necessitavam da salvação.

4. Ambos admitiam que a Deus eram devidos reverência e culto.

5. Ambos construíram altares.

6. Ambos ofereceram sacrifícios.

Tudo era igual até ao ponto número 6. A vasta diferença em suas atitudes manifestou-se não só nos tipos de sacrifícios que ofereceram, mas no motivo que estava por detrás da oferta. Esta diferença separa-os tanto como o selo de Deus está distante do sinal da besta. A diferença pode ser resumida nestes termos:

1. Pela fé, Abel. (Ver Heb. 11:4).

2. Pelas obras, Caim.

Caim e Abel representam duas classes de pessoas que existirão até que o vindouro séquito de Cristo desça do Céu. Os seguidores de Caim dependem de seus próprios méritos, ao passo que os seguidores de Abel dependem dos méritos de Cristo. Além disso, o homem separado de Cristo é muitas vezes levado à destruição de si próprio e dos outros. Caim destruiu seu irmão, não por algo de mal que Abel tenha feito mas «porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas». (I João 3:12).

Os que agem segundo o princípio do selo de Deus em nossos dias serão assaltados e insultados. Apocalipse 13 e 14 apresentam claramente o que em breve acontecerá. No meio desta gigantesca união persecutória de elementos rebeldes sufocando o mundo levantar-se-á o humilde mas fiel grupo de indivíduos que vivem de acordo com o princípio do selo de Deus — a salvação pela fé e só pela fé. *Mas levantar-se então significa levantar-se agora! Ganhar então significa ganhar agora — hoje!* Receber a coroa da vitória hoje, neste momento, sobre a tentação.

A última parte da mensagem do terceiro anjo declara: «Aqui está a paciência dos santos.» Apoc. 14:12. Isto é simplesmente outra maneira de dizer: «Aqui estão os que diariamente vencem na corrida da vida!»

«Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus» é simplesmente outra maneira de dizer: «Aqui estão os que obedecem a Deus dia a dia e desobedecem à vontade própria». Como se realiza isto?

Quando falamos acerca da salvação pela fé, devemos lembrar-nos de que tem de haver um objecto a que se agarre a fé. O objecto da nossa fé é uma Pessoa. Não somos nós mesmos, mas Jesus Cristo. Os que tentam obedecer a Deus olhando constantemente para si próprios e para o que os rodeiam são como uma pessoa que fixa os seus olhos na moldura do quadro e não no próprio quadro! O nosso quadro é Jesus Cristo. Paulo afirma-o eloquentemente em Hebreus 12:2: «Olhando para Jesus, autor e consumador da nossa fé».

A relação matrimonial

Se vos fosseis casar amanhã à noite com uma pessoa a quem nunca vistes, ou tocastes, e sem que tivésseis encontrado alguém que a tivesse visto, ouvido, ou tocado, como vos sentiríeis? Suponde que nunca tínheis visto uma única carta ou fotografia dessa pessoa — nem sequer uma gravação da sua voz. Noutros termos se não houvesse nem sequer um fio de evidência tangível do que essa pessoa era, qual seria a vossa atitude quando vos unísseis com essa pessoa tão totalmente desconhecida para vós? Se isso devesse realmente acontecer, não clamariamos todos: «Recuso-me a unir-me a uma pessoa acerca da qual nada sei!» Mas não é este o quadro apresentado por tantos professores cristãos e sua relação para com Cristo? Não é de admirar que tropeçemos e caiamos nos braços de Satanás com tanta frequência. A união entre uma pessoa e Cristo deve ser uma união muito íntima.

O ponto decisivo entre Cristo e Satanás, entre os que têm o sinal da besta e o selo de Deus, é a *fé em* Cristo e o *amor a* Ele, o que automaticamente resulta em obediência aos Seus mandamentos. As mensagens dos três anjos giram em volta de uma coluna central: «Para mim o viver é Cristo». Filipenses 1:21. Quanto eu desejaria conhecer mais do meu Senhor! Quanto gostaria de O ver mesmo agora! Quanto desejaria poder apresentá-l'O mais perfeitamente!

Os nossos melhores esforços para tornar Cristo real parecem ser tão fracos, débeis e frágeis! Tendes uma união diária com Cristo? Conheceis por experiência o que significa Isaias 62:5: «Como o noivo se alegrará de ti o teu Deus»? Tendes ouvido a pergunta de Jeremias 2:32: «Porventura esquece-se a virgem dos seus enfeites ou a esposa dos seus cendais?» Tenho realizado muitas cerimónias de casamento, mas nem sequer uma vez vi uma noiva esquecer as suas flores, véu, ou luvas. Na realidade, a maior parte das noivas entesouram para toda a vida estas preciosas coisas. Abri a mala ou a caixa de cedro de vossa mãe e vêde o que lá encontrais. Os que

verdadeiramente amam fazem todo o possível por recordar e não esquecer os aniversários de casamento e daqueles a quem tanto amam.

Mas Deus diz mais através de Jeremias 2:32: «Todavia o Meu povo se esqueceu de Mim por inumeráveis dias». Quantos dias se passam em que estamos tão atarefados com esta vida que esquecemos a oração, a meditação e o estudo da palavra de Deus? Esquecer-nos de Deus é esquecer-nos dos preciosos ornamentos de um espírito manso e quieto e daquele belo vestuário, o manto da justiça de Cristo.

Peço-vos como Paulo em Hebreus 3:1: «Considerai a Jesus Cristo». Peço-vos que tenhais a determinação que Paulo apresentou em I Coríntios 2:2: «Nada me propus saber... senão a Jesus Cristo e este crucificado». Aprendei «as riquezas incompreensíveis de Cristo». Efésios 3:8. Porquê? Pedro dá a resposta: «Debaixo do Céu nenhum outro nome há... pelo qual devamos ser salvos» Actos 4:12. Cristo é «o poder de Deus, a sabedoria de Deus» (I Coríntios 1:24). A nossa Igreja está hoje em desesperada necessidade de Jovens que tenham uma inimidade pessoal com nosso Senhor. Fixai n'Ele os vossos olhos da fé e tereis a vitória.

Há alguns anos atrás, quando a minha filha mais nova estava na terceira classe, veio da escola para casa enquanto estávamos fora. Telefonei-lhe para ter a certeza de que ela tinha chegado bem. Quando ela respondeu, disfarcei a minha voz e disse: «Alô, Linda». Após

uma pequena pausa declarei: «Eu amo-te muito». Ela ficou intrigada com esta estranha voz e o silêncio foi a sua única resposta. Finalmente perguntei: «Linda, tu amas-me»? Depois de um longo silêncio, ela respondeu: «Como posso amá-lo se não sei quem é»? Esta é uma resposta muito significativa. Muitas pessoas conhecem a Jesus pelo nome mas não pelo coração. Não podeis amar a Cristo a não ser que tenhais uma relação íntima com Ele. Essa relação resulta de estudar a sua vida com cuidado e oração.

Segui esta sugestão: Tomai o livro *O Desejado de Todas as Nações*, que, depois da Bíblia, é o melhor livro sobre a vida de Cristo. Investigai cuidadosamente as suas páginas em busca de todos os possíveis comentários acerca da personalidade e carácter de Nosso Senhor. Apontai essas qualidades sob títulos tais como amor, paciência, amabilidade, simpatia, integridade e pureza. Lêde outros livros acerca da vida de Cristo e anotai outras observações no vosso estudo acerca de Seu carácter. Então meditai nesses pontos até que as palavras que lêdes se tornem músculos e fibras espirituas. Pedí fervorosamente ao Espírito de Deus que vo-l'O torne real. Tenho procurado ler um capítulo por dia do *Desejado de Todas as Nações* desde a minha juventude. É impossível dizer-vos as horas deleitosas que tenho passado com o meu Senhor. Uma vida cristã feliz e alegre não é accidental. Resulta de disciplinarmos a mente diariamente a concentrar-se no Senhor. Porque não começar hoje?

SEXTA-FEIRA

Vivendo a Verdadeira Vida

Os marinheiros tinham acabado de clamar e suplicar aos seus deuses que os salvassem, mas a tempestade ainda fustigava o seu barco. Em qualquer momento o mar os tragará. Em último acto drástico de apaziguamento seria oferecido um sacrifício humano. A

pessoa escolhida foi Jonas. Ele servia a um Deus superior — talvez constituísse um sacrifício superior. Além disso, Jonas tinha garantida a paz para depois da morte!

Os últimos momentos de Jonas a bordo deste ameaçado barco foram passados a tes-

temunhar. O seu último testemunho é extremamente significativo. Ele repetiu a verdade que significa a diferença básica e trata-se de uma *vasta diferença* entre o seu Deus e os deuses de pau e pedra que eles adoravam. Ouvi!

Aos marinheiros que lhe perguntaram acerca do seu local de nascimento, ocupação e filiação eclesiástica, ele disse: «Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do Céu, que fez o mar e a terra seca». Jonas 1:9. Jonas distinguia o seu Deus do deles salientando que o seu Deus fez a terra. O seu Deus era o Criador!

A pedra de esquina sobre a qual a verdade da salvação pela fé está baseada é o poder criador de Deus. Focámos já brevemente este ponto, mas ele é tão essencial que devemos salientá-lo de novo. A doutrina de Deus como Criador parece simples, quase trivial, e no entanto é uma verdade que a maior parte do mundo nega ou ignora. Até mesmo os adventistas deixam de reconhecer a importância desta importante verdade:

O poder criador de Deus constitui a diferença essencial entre Deus e todos os Seus seres criados.

Por este motivo o poder criador de Deus é o sinal, selo e símbolo de Sua autoridade. Podeis negar cada uma das boas qualidades de Deus, mas enquanto não repudiardes o Seu poder criador, Ele é ainda supremamente Deus. Negar os Seus atributos faz d'Ele um mau Deus; mas enquanto o Seu poder criador for reconhecido, Ele é ainda o único e supremo Deus. Mas quando negais o seu poder de criar, imediatamente O reduzis a um Deus de pau ou pedra. Destruis a Sua autoridade! Minais a Sua supremacia! Derribais a Sua soberania.

Prova Esmagadora

Deus insiste com razão e requer que os homens O adorem como o Criador. Ao ler a Bíblia com este conceito em mente, ficamos impressionados com o número de textos que ilustram esta verdade. Isaías tropeja as palavras do Senhor: «A quem pois Me fareis semelhante, para que lhe seja semelhante? diz o Santo. Levantai ao alto os vossos olhos, e vêde quem criou estas coisas.» Isaías 40:25-26. E no capítulo 42, versículo 5, lemos: «Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os estendeu, e formou a Terra, e

a tudo quanto produz; que dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela.» Não notais como Deus se distingue como o Criador em todos os textos?

Passando ao Novo Testamento, encontramos Paulo no centro de um grupo que discutia no Areópago. Rodeando-o estavam não-cristãos, instruídos, intelectuais, mas supersticiosos! Não havia fim para a multiplicidade dos seus deuses nem para os seus esplêndidos templos. Tinham um Deus para cada situação, e Paulo estava disso bem inteirado. Atenas era uma vasta galeria de arte religiosa.

Paulo a princípio estava prelexo ao começar a sua mensagem. As suas estranhas doutrinas podiam ter-lhe trazido o mesmo destino que Sócrates experimentara. Sem desculpas e com determinada certeza, Paulo apresentou o aspecto que estabelecia a distinção entre o seu Deus e os deuses que eles adoravam. Ouvi Paulo declarar que o seu Deus era «o Deus que fez o mundo e tudo o que nele há». (Actos 17:24).

Salientando ainda esta verdade, Paulo afirmou com razão que Deus «de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra». (Versículo 26) Indicando a completa dependência do homem em relação ao poder criador de Deus, continuou eloquentemente: «Porque n'Ele vivemos, e nos movemos, e existimos». Versículo 28. Noutros termos, Deus devia ter todo o crédito por tudo o que é bom! A nossa existência, a nossa vida, a nossa capacidade de pensar e agir, dependem do nosso Criador. Esta é a mensagem de que o mundo hoje necessita: este é o coração da mensagem do terceiro anjo.

Sob um ponto de vista mais pessoal, qual é a importância do poder criador de Deus? Que significa para mim pessoalmente esta verdade? No poder criador de Deus centralizam-se três verdades importantes:

1. Em primeiro lugar, o princípio do amor está entrelaçado na criação.

«Cada manifestação do poder criador é uma expressão de amor infinito». —*Patriarcas e Profetas*, pág. 33. Quer seja um átomo de ar ou uma gigantesca galáxia de estrelas, expressa-se aí amor infinito. A criação da vida implica uma personalidade de amor. Jamais esquecerei a altura em que através da janela da maternidade do Hospital olhei para o nosso primeiro bebé. Sempre tinha sido um mistério para mim porque é que os

pais se excitavam tanto com a chegada do seu primeiro filho — como eles se deleitavam em apontar para o seu bebê na maternidade e exclamavam: «Este é o meu bebê». Só quando nasceu o nosso primeiro filho pude começar a compreender o profundo amor que um pai tem pelos seus filhos — amor que os jovens não compreendem até que se tenham tornado pais. Todo o mundo é uma maternidade. Deus o Pai move-se em amor ao ver a vida reproduzida através do Seu poder criador. Que insondável amor se manifesta na criação. Especialmente na criação da vida humana! Que profundo amor haveria se as crianças fossem manufacturadas nalguma fabrica e tudo o que seria necessário era ir a uma loja e comprar um bebê novo e brilhante por três mil escudos? Ficaríamos mais ou menos tão excitados e emocionados como se comprássemos um novo carro. Mas não haveria uma atitude profunda, sagrada, divina, reverente para com um bebê manufacturado! Até um pequeno animal, como um cachorrinho, produz mais profunda emoção, do que uma bicicleta nova.

A vida é amor! A vida é sagrada! A vida é espiritual! Graças a Deus por ela! Invocai-O pelo Seu poder Criador. Porquê? O nosso amoroso Deus Criador trouxe a vida à existência. D'Ele recebemos todo o dom intelectual e artístico, toda a capacidade emocional, todo o dom da graça e amor. Separados d'Ele, os homens estão mortos mesmo que vivam. A vida é mais do que a existência animal — a vida em sua própria essência é espiritual. A verdadeira vida mede-se não pela quantidade, mas pela qualidade.

2. Em segundo lugar, um *senso de segurança está entrelaçado no poder criador de Deus.*

Sustento que no mais profundo recôndito do coração do infiel há uma caverna de insegurança e dúvida. Nada me pode dar um tão tremendo senso de valor próprio, de confiança própria cristã, como acreditar e saber por experiência que Deus me fez e eu lhe pertença. A segurança é apoiada nos braços do apreço e da aceitação. A segurança prospera na crença de que eu sou desejado, de que eu faço falta.

Quando Deus fez o homem à Sua própria imagem, Ele desejou o homem. Ele necessitou do homem. Deus nunca faz nada que não deseje ou de que não necessite. Paulo expressou-o desta maneira em Efésios 5:28

a 30: «Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida como também Cristo o faz com a Igreja; porque somos membros do Seu corpo.»

Odiaria Deus a Sua própria carne? Faria Deus menos do que nutrir e acarinhar aqueles a quem criou à Sua imagem? Seria o amor de Deus inferior ao amor de um marido pela sua esposa? Nunca! Um verdadeiro senso de segurança e dignidade é impossível sem uma compreensão do poder criador de Deus. Entreter o pensamento de que o homem evolui de qualquer forma inferior de vida é depravante, deprimente e repugnante. O mais elevado conceito no mundo encontra-se em Génesis 1:26 e 27: «E, disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança. ... E criou Deus o homem à Sua imagem.»

3. Em terceiro lugar, *a salvação depende do poder criador de Deus.*

É aqui que a doutrina da salvação pela fé entra realmente no quadro. Ela é uma crença sagrada no poder de Deus para voltar a criar-nos como novos seres. O homem passa da rebelião para a obediência através de uma experiência de nova criação. A salvação é simplesmente um programa para reconduzir o homem a esta relação de criatura—Criador. A relação entre a criação e a redenção é tão íntima que «o Senhor, o Criador dos fins da Terra», é «o Senhor. ...o Criador de Israel.» (Isaías 40:28; 43:15). Assim como o Espírito pairou sobre o mundo caótico antes de começar a vida, assim o Espírito paira sobre as nossas vidas caóticas e produz luz, crescimento, fruto e obediência. O homem torna-se verdadeiramente uma alma viva. A relação entre Cristo como *Criador* e Cristo como *Redentor* não é acidental — a criação e a redenção são absolutamente inseparáveis.

O simples facto é que a mesma qualidade de poder necessário para trazer o homem à existência é necessário para transformar o coração odioso e pecador. Tanto a criação como a re-criação são o resultado de um acto divino. Levanta-se agora a pergunta: «Como volta Deus a criar a minha vida? As nossas vidas são com tanta frequência uma mistura — rudes de dia e depravadas de noite. Somos indigentes espirituais cobertos de túnicas de púrpura, enlouquecidos com

o egoísmo. Somos vítimas da concupiscência que faz explodir os nossos cérebros. Os nossos corações são contorcidos por incontida paixão. Judas descreve os pecadores como «animais irracionais», «nuvens sem água», «árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas», «ondas impiedosas do mar», «estrelas errantes».

Acontecimentos relacionados com a re-criação

Mas quando o processo de re-criação começa, opera-se uma transformação. Notai alguns dos importantes acontecimentos relacionados com esta nova criação. Deus cria no homem um espírito de arrependimento. Este é tanto um dom de Deus como a vida eterna. O espírito de confissão e de restituição são dons de Deus. Ninguém pode verdadeiramente entristecer-se por qualquer pecado que tenha cometido a não ser que Deus por acto de criação dê ao homem um espírito de tristeza pela sua má acção.

O mesmo ocorre no passo da confissão. Que ser humano neste mundo confessaria jamais um pecado a Deus ou ao próximo ofendido a não ser que uma transformação miraculosa tenha ocorrido? O homem que verdadeiramente confessa experimentou uma nova criação.

Em todos os passos que conduzem à vida eterna Deus deve receber o crédito pelos seus actos de re-criação. Com muita frequência tenho visto pessoas vencerem o vício do fumo, e depois deixarem de dar a Deus o respectivo crédito. Passam tudo por alto e dizem: «Oh, não foi difícil. Simplesmente decidi e consegui.» Há um grau de vida vitoriosa que o homem pode atingir por seu próprio poder, mas os que tomam crédito por esses actos ouvirão um dia as palavras: «Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.» Mateus 7:23.

Lembrai-vos, prezados jovens, que a regeneração ou conversão ou novo nascimento — seja qual for o nome que lhe deis — é um acto criador de Deus! Paulo afirma-o claramente em II Coríntios 5:17: «Se alguém está em Cristo, nova criatura é». David clamou: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro.» Salmo 51:10.

A mais impressionante descrição do poder criador de Deus que jamais li encontra-se em Ezequiel 16. O versículo 3 declara que Israel teve um pai amorreu e uma mãe he-

teia. Isto significa a pecaminosa natureza hereditária com que nasceu. Depois este capítulo continua declarando que quando Israel nasceu como bebê, não houve ninguém que o lavasse ou limpasse. Ele estava sujo e asqueroso, coberto de sangue, e foi lançado ao campo para morrer. Os versos 5 a 7 declaram: «Foste lançada em pleno campo, pelo nojo da tua alma, no dia em que tu nasceste. E, passando eu por ti, vi-te manchada do teu sangue, e disse-te: Ainda que estás no teu sangue, vive. Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo.»

Que descrição do pecador! Como os pagãos daqueles dias lançavam ao campo as crianças indesejadas para ali morrerem expostas, também Satanás nos arremessou aos campos do pecado para perecermos. Estávamos condenados a morrer. Na realidade, estávamos mortos no *pecado!* Então interveio *Alguém*. Esse *Alguém* foi Jesus Cristo. Ele teve compaixão de nós, amou-nos embora fôssemos asquerosos e repugnantes. Ele pronunciou a palavra criadora «*Vive!*» Não morras — *vive!* Não apenas no futuro, mas mesmo agora! *Vive* uma vida positiva progressiva, optimista, obediente. *Vive* uma vida de vitória sobre o pecado. *Vive* uma vida que aniquile as vãs imaginações e vença a letargia espiritual. *Vive* uma vida que derube os castelos satânicos de dúvida, desespero e criticismo. *Vive* uma vida que vença as tentações e te leve a caminhar na vida aliviado do terrível peso do pecado.

Vive ! Vive ! Vive !

A verdade da salvação pela fé é simplesmente viver. É disto que trata a mensagem do terceiro anjo. É viver pelo poder de Jesus Cristo. «Vivo», exclamou Paulo, «não mais eu, mas Cristo vive em mim.» Gálatas 2:20. «Vivo», exclamou João. «N'Ele estava a vida e a vida era a luz dos homens.» João 1:4. «Vivo», exclamou Pedro «para que no tempo que vos resta na carne, não vivais mais segundo as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus.» I Pedro 4:2. «Vivo», exclama um coro de vozes vitoriosas desde as portas do Éden até aos nossos dias. Essas pessoas são os que vivem uma vida real. Viver pela fé — salvação pela fé — é a mensagem da Igreja Adventista para o mundo. Essa é a mensagem do selo de Deus. Que contraste com o

poder da besta que oferece a bebida mortífera da salvação pelas obras.

Podeis começar a ver agora porque é que Satanás nestes últimos dias suplantou a verdade do Sábado pela observância do Domingo? Podeis começar a ver agora porque é que Satanás estava tão ansioso por destruir o quarto mandamento? Podeis ver agora porque é que o domingo se torna o sinal exterior do poder da besta e constitui o seu sinal? O Sábado é um sinal tanto da criação como da re-criação. (Ver Ezequiel 20 e Êxodo 31.) Os que verdadeiramente honram o Sábado sentem que a sua existência, a sua capacidade para pensar e agir, é totalmente o resultado do dinâmico poder de Deus. Admitem que cada pulsação do coração, cada fulgor dos olhos, cada movimento dos músculos, cada passo, cada sopro que respiram, cada cabelo que cresce, e cada palavra que proferem, depende do vivificador poder de Deus. Que tragédia o homem não compreender a sua dependência de Deus. Por que é que algumas pessoas têm de esperar até estarem quase na sepultura — até reconhecerem que não se pertencem a si próprias? Que não podem, por sua própria escolha, fazer com que os seus corações pulsem e os seus cérebros pensem?

Quem quer que sejas, onde quer que estejas, não desejas ouvir aquela voz de vida e responder-lhe agora? Não deixarás que a voz de Cristo penetre o teu negro coração como penetrou as trevas durante a semana da criação e então «houve luz»?

O clamor do mundo é hoje: «Transformai as vossas circunstâncias!» O clamor de Cristo é: «Deixai que Eu transforme os vossos corações!» O mundo está procurando transformar o exterior. Plutarco apresenta a parábola de um homem que se esforçou por fazer que um corpo morto se levantasse direito, mas que terminou os seus labores dizendo: «Falta algo no interior.» Deus transforma primeiro o interior, e depois ocorrerão inevitavelmente mudanças no exterior. O método de o mundo tentar transformações na sociedade é como tentar pôr uma pilha de lenha a arder tocando com um fósforo no pau que se encontra por cima. O método de Deus é tocar com o fósforo no fundo. A melhor maneira de remover a neve do para-brisas não é varrê-la mas levantar a temperatura. Não transformais uma macieira brava num pessegueiro pelo simples facto de atar a ela pêssegos com cor-

deis! Vem nova vida à alma quando o Mestre fala e a Sua voz é atendida!

Eu tentar viver com o meu próprio poder uma vida espiritual é quase tão impossível como uma pedra tentar produzir mais pedras. As minhas boas obras para a salvação são tão eficazes como um homem caminhando para Leste ao encontro de um gigantesco avião que voasse a 900 Km à hora na direcção do Oeste! A minha única esperança é que a voz de Deus soe profundamente dentro da minha alma. Posso ouvir essa voz quando de joelhos. Trespasa meu coração quando fervorosamente estudo a Sua Palavra. Ela possui a minha alma quando medito na vida de Jesus Cristo.

Há alguns anos atrás, um homem alto e forte assistiu às minhas reuniões de evangelização. Era um capataz de uma companhia construtora de barcos. Uma noite sou a voz de Deus aos seus ouvidos: «Vive». Ele respondeu e começou a viver. Que transformação se operou na sua vida! Em vez da dureza veio a ternura. Os maus modos transformaram-se em maneiras amáveis. O ódio foi substituído pelo amor. Iniciou-se uma revolução total na sua vida.

Poucas semanas depois, um homem bastante pequeno assistiu às minhas reuniões pela primeira vez. Após o culto veio ter comigo e pediu-me para o baptizar imediatamente. Fiquei surpreendido e procurei descobrir de que pessoa se tratava.

Ele trabalhava no mesmo estaleiro debaixo das ordens do capataz que recentemente se tinha convertido. Disse-me claramente que aquele capataz era o homem mais bruto do mundo. Continuou por dizer que todos os que trabalhavam sob as suas ordens tinham medo dele, mas que agora se havia operado uma transformação. Disse ele: «Compreendo que o baptizastes na vossa igreja.» E então acrescentou: «Se a vossa igreja pôde fazer por aquele homem o que fez, então quero unir-me a ela imediatamente.»

Que testemunho de alguém que estava morto e ressuscitou! A maior prova a favor do poder de Deus é uma vida transformada. Não deixareis que o Mestre tome a vossa vida e a molde à Sua vontade?

Visado pela Censura

Não há Barreira Contra o Pecado - Porque?

Nicolau I, Czar da Rússia, subiu ao trono em 1825. Diz-se que ele tinha o interessante hábito de por vezes vestir o uniforme de um soldado comum e visitar os acampamentos do seu exército a fim de os inspecionar. Ninguém sonhava que sob o uniforme de um soldado regular estivesse o onnipotente czar. Uma noite ele visitou um certo acampamento onde o filho de um dos seus oficiais favoritos estava encarregado das finanças. Infelizmente tinha-se associado com maus companheiros. O jogo tornou-se em breve uma obsessão. Depois de perder o seu dinheiro pessoal, começou a tirá-lo dos fundos do exército. Pouco a pouco a dívida aumentou, até que desesperado decidiu suicidar-se de preferência a enfrentar as consequências.

O jovem foi para o seu gabinete já tarde, pegou no dinheiro que tinha ficado no cofre do exército, e colocou-o na extremidade de mesa. Na outra extremidade abriu os livros da contabilidade que indicavam a quantia que devia ter estado no cofre. Pegando numa caneta escreveu debaixo da última linha as seguintes palavras: «Quem pode pagar tão grande dívida?» Colocou o seu revólver sobre a mesa, mas antes de cometer esse irrevogável acto, sepultou a cabeça em seus braços sobre a mesa e começou a pensar na sua vida passada. Tempo depois, adormeceu.

Naquela mesma noite o czar estava inspecionando aquele acampamento. Viu o bruxulear da vela no gabinete do jovem. Sua amizade com o pai do moço levou-o a parar naquele gabinete e ver o que estava sucedendo a hora tão tardia. Abriu devagar a porta e viu curvado e dormindo aquele jovem que tinha desperdiçado os fundos do governo e estava prestes a jogar a sua vida. O czar aproximou-se da mesa e num momento deu-se conta da situação. Leu aquelas palavras tão dignas de compaixão: «Quem pode pagar tão grande dívida?» Sem despertar o jovem, pegou na caneta e escreveu rapidamente as palavras: «Eu pagarei». E em seguida assinou o seu nome: «Ni-

colau I, Czar da Rússia». Depondo a caneta, deixou o quarto e seguiu o seu caminho.

Passado pouco tempo, o jovem jogador despertou sobressaltado. Pegou na arma, mas precisamente antes de terminar com a vida seus olhos repousaram nestas vivificantes palavras: «Eu pagarei.» A assinatura, «Nicolau I, Czar da Rússia», saltou aos seus olhos. Imediatamente pensou que alguém estava brincando com ele. Correu ao arquivo oficial e tirou um documento que tinha a assinatura do czar. Comparou a assinatura que sabia ser real com aquela que estava ali escrita no livro de contas. Com espanto viu que as duas assinaturas eram perfeitamente idênticas. Sua vida era poupada. Ele podia agora enfrentar de novo o mundo. Sua dívida tinha sido perdoada. O grande czar tinha tornado isso possível.

Não é precisamente o que Cristo fez por cada um de nós? Os nossos pecados tinham amontoado uma dívida de um bilião de contos que nos era completamente impossível saldar. Mas o Senhor Jesus Cristo, o dominador do universo, em terna compaixão e amor, veio há perto de dois mil anos atrás e tomou uma pena, mergulhada no seu próprio sangue, e indelevelmente escreveu: «Eu pagarei — Jesus Cristo, Rei dos reis».

Justificação

Na terminologia teológica, o acto de Cristo pagar na cruz a nossa dívida chama-se *justificação*. Quando um pecador segue os simples passos do arrependimento, confissão e restituição, o Senhor apõe a declaração «Justificado» na vida e registo do pecador. Paulo apresenta esta verdade de uma maneira maravilhosa: «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.» Romanos 5:1.

Notai o conceito de estar em «paz» com Deus. Isto significa simplesmente que nós

que estávamos sobrecarregados com o registro e a culpa de pecados cometidos no passado somos agora declarados livres de *toda* a culpa e condenação. Devido ao que Jesus fez na cruz, já não estamos expostos à pena da lei — a morte. Já não estamos sob a terrível sentença de morte. Estamos *absolvidos*.

O oitavo capítulo de Romanos que começa com as palavras «nenhuma condenação» e termina com «nenhuma separação», faz a seguinte pergunta no versículo 34: «Quem os condenará?» Esta é uma pergunta que nenhum cristão necessita temer! A frase seguinte diz-nos a razão. «É Cristo quem morreu, ...o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.» O rei medo-persa Dario esforçou-se até ao pôr do sol tentando evitar que Daniel fosse lançado na cova dos leões (ver Daniel 6:14), mas as suas leis eram imutáveis. Daniel teve de ser lançado na cova dos famintos leões. Todavia, se o rei, que grandemente admirava e respeitava Daniel, tivesse escolhido oferecer-se como sacrifício, estou certo que nem uma alma teria tocado em Daniel. Como podiam eles condenar Daniel se o rei tinha pago a pena que ele próprio instituiria?

Como pode Satanás, ou outrem, apontar o dedo da condenação para uma alma que procura refúgio em Cristo? Independentemente de quão mau tenha sido o passado de uma pessoa, se ela se rende ao Senhor, fica justificada e sem condenação sob a sombra da cruz.

Não é uma capa para o pecado

A justificação é mais do que um acto legal e externo. Na realidade, apaga os nossos pecados passados. Mas quando a mente apreende o pensamento de que o nosso passado é apagado devido Àquele que por nós morreu na cruz, isso abrande e submete o coração. Vemo-l'O na cruz. Vemos ali o nosso próprio eu pecaminoso — o vosso Deus, o meu Deus, o nosso Deus, tomando a forma humana a fim de pagar a pena para que não necessitássemos de sofrer e morrer. Não admira que Paulo exclame: «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação?» Hebreus 2:3. A justificação purifica do pecado a alma do homem. A justificação não é um acto que for-

neça uma capa ao pecado. Pelo contrário, afasta o pecado. A redenção implica que houve um cativoiro. Agora ocorre a libertação pelo facto de ter sido pago um preço. Nós, como adoradores, somos salvos pela morte de uma vítima.

Assim, no coração da mensagem do terceiro anjo está a cruz de Cristo. O poder da besta tentou ocultar o maravilhoso amor revelado nessa cruz. O poder da besta procura concentrar as merites dos homens em si próprios e nas suas próprias obras. O poder da besta esforça-se por dizer aos indivíduos que podem salvar-se por si mesmos, que a cruz não é realmente necessária. Acendei uma vela, fazei uma peregrinação, dizei um certo número de orações, andai sobre o fogo — fazei tudo excepto olhar para a cruz — diz o poder da besta. Pensai nas multidões de pessoas que vagueiam hoje na vida sob o cruel fardo de condenação, culpa e desprêzo próprio. Se tão somente olhassem para a cruz de Cristo e vissem o que Deus livremente fez por eles, seus corações derreter-se-iam e se renderiam.

Tenho muitas vezes pensado no jovem cuja história apresentámos no início e perguntado a mim mesmo qual terá sido a sua atitude para com o jogo depois do acto de justificação pelo czar da Rússia. Não posso deixar de sentir que ele jamais voltou a jogar. Deve ter ficado a odiar o jogo, que quase lhe custara a vida. Mas agora ele tinha sido libertado. Porque voltar de novo à escravidão?

Não é isso o que sucede a todos os que plenamente sentem o que realmente significa a justificação? Quanto mais uma pessoa compreende a verdade da justificação, tanto mais deseja acabar com o pecado. O pecado torna-se odioso quando custou a pagar a pena do pecado, pois a nossa libertação custou nada menos do que a morte do Filho de Deus.

Um porco na sala de estar

O homem, procurando justificar-se a si próprio, salvar-se por suas próprias obras, é como «pôr um porco na sala de estar esperando assim mudar a natureza do porco.» Muitas vezes as nossas tentativas para nos salvarmos levam-nos realmente a pecar mais profundamente.

Atentai cuidadosamente para esta afirmação, que mostra o que acontece quando as pessoas procuram agir de acordo com o princípio do sinal da besta, a salvação pelas obras.

«O princípio pelo qual o homem se pode salvar por suas próprias obras, jaz à base de toda a religião pagã. ...Implantou-o Satanás. Onde quer que seja mantido, os homens não têm barreira contra o pecado.» — *O Dessejo de Todas as Nações*, pág. 24.

Lêde isto repetidas vezes. O infernal propósito de Satanás é impedir que o homem obtenha a vida por meio de Cristo. A única maneira possível de Satanás estar certo de que suas vítimas jamais fruirão a eternidade é retê-las no pecado. Para isso obter, ele desenvolveu este princípio da salvação pelas obras (que é o princípio do sinal da besta) e o resultado disso é que «os homens não têm barreira contra o pecado.» Fazei a vós mesmos a pergunta: Porque é que os homens não têm barreira contra o pecado se agem de acordo com este princípio de salvação pelas obras? Há várias razões, mas a principal é a seguinte:

Se há algum acto que eu possa cumprir para justificar ou cancelar qualquer pecado que tenha cometido, eu serei impotente contra uma esmagadora tentação futura para cometer de novo esse pecado. Se tenho em meu poder a possibilidade de cancelar esse pecado por algum acto que possa realizar, para que então resistir à tentação? Se eu — por minhas próprias obras — posso pagar por aquele pecado, não necessito do sacrifício de Cristo! Isto imediatamente derruba em minha mente todas as barreiras contra aquele pecado. Vêdes bem a conclusão a que temos de chegar?

A salvação pelas obras nega a terribilidade do pecado e facilita ao homem tornar-se seu próprio salvador. O reconhecimento da terribilidade do pecado leva o homem a refugiar-se na cruz.

A armadilha das boas obras

O pagamento humano pelo pecado assume diversas formas. Alguns arrastam-se de joelhos e prostram-se perante um ídolo. Outros fazem peregrinações a certos locais. Alguns dão largas contribuições para a igreja, esperando que esse acto cancele o seu

ímpio passado. Outros atarefam-se em auxiliar os pobres e necessitados, pensando que esses actos expiarão alguma falta nas suas vidas. Como vêdes, o diabo apanha as pessoas na armadilha das próprias boas obras. Mas o que conta é a motivação.

Jesus fez uma impressionante declaração em Mateus 7:22, 23: «Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsamos demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente : *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.* Esta é uma espantosa censura dada pelo Senhor a muitos professos cristãos. Eles realizaram boas obras, esperando ganhar a vida eterna por essas boas obras. Este é o princípio do sinal da besta. O princípio do selo de Deus, o princípio da salvação pela fé, inclui a maravilhosa verdade da justificação pela fé e só pela fé.

Libertação tanto da pena como do poder do pecado

Mas isto não é tudo o que Deus faz por nós. Há outra parte para uma salvação total. A justificação diz respeito à nossa vida passada, mas que dizer acerca de hoje, de amanhã e de depois de amanhã? O apagar o meu registo passado é maravilhoso, mas eu necessito de *vitória sobre o pecado neste momento e no futuro!* Esta vitória diária chama-se *santificação*. Santificação significa simplesmente dedicação total a Deus. Somos «postos à parte» ou «feitos santos». Pertencemos a Deus. A gloriosa verdade é que a justificação nos liberta da *pena* do pecado, ao passo que santificação nos liberta do *poder* do pecado.

Para ilustrar a diferença entre *justificação* e *santificação*, imaginemos que um gigantesco avião enquanto voa no espaço sofre uma avaria no motor. O piloto faz uma aterragem segura. Agora o avião está *salvo* mas não *são*. Necessita de reparação. O homem pecador é *salvo* pelo acto divino de *justificação*. Mas o homem necessita de ser refeito, reconstruído e reparado. Este processo pelo qual o homem é refeito e reparado, que o leva a ficar *são*, é a *santificação*. Paulo diz em Romanos 6:12: «Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal,

para lhe obedeceres em suas concupiscências. No propósito de Cristo de nos tornar tanto *salvos* como *sãos*, devemos ter a *vitória* sobre os maus hábitos! Que me aproveita ter os pecados passados perdoados se sou impotente para vencer esses mesmos pecados depois de perdoados?

Outra ilustração da operação da *justificação* e *santificação* na natureza espiritual do homem é o caso de um indivíduo gravemente enfermo a morrer com doença mortal. Descobre-se um remédio, e a vida do homem é salva. A doença mortal do pecado, que inevitavelmente termina na morte, é curada pela *justificação*. Mas os micróbios da doença continuam presentes e prontos para atacar de novo o homem. Esses micróbios estão no organismo do homem, mas um corpo bom e sadio pode resistir a esses micróbios. Assim, na vida espiritual, a *santificação* mantém a alma do homem numa condição tão sadia que os micróbios do pecado se mantêm ineficazes. Lembrai-vos de que os micróbios do pecado estão aguardando ansiosamente abater-vos. A nossa única segurança é «Cristo em vós, esperança da glória». (Colossenses 1:27.)

Talvez a seguinte comparação entre *justificação* e *santificação* vos ajude a compreender a diferença entre ambas.

Justificação e santificação

1.º A *justificação* livra da pena do pecado.
A *santificação* livra do poder do pecado.

2.º A *justificação* apaga o quadro negro do passado.

A *santificação* pinta um brilhante quadro para agora e para o futuro.

3.º A *justificação* anula.
A *santificação* vivifica.

4.º A *justificação* rectifica.
A *santificação* mantém rectificado.

5.º A *justificação* limpa o registo.
A *santificação* mantém o registo limpo.

6.º A *justificação* é a operação que tira a doença passada.

A *santificação* é o processo post-operatório de recuperação de uma saúde espiritual normal.

7.º A *justificação* realiza uma obra *para* nós.

A *santificação* realiza uma obra *em* nós.

8.º A *justificação* é um acto de graça.

A *santificação* é um crescimento na graça.

9.º A *justificação* paga a dívida.

A *santificação* mantém-nos sem dívida.

10.º A *justificação* torna-nos *salvos*.

A *santificação* torna-nos *sãos*.

11.º A *justificação* é o vosso título para o Céu.

A *santificação* é a vossa habilitação para o Céu.

12.º A *justificação* é o sepultamento do passado.

A *santificação* é a vida ressurgida em Cristo.

13.º A *justificação* é imputada.

A *santificação* é comunicada.

Tanto a *justificação* como a *santificação* são necessárias para que o homem possa agir de acordo com o princípio do selo de Deus. A maioria dos cristãos de hoje têm apenas o que poderíamos chamar de meia salvação. É salientado o perdão para os pecados passados, enquanto se passa demasiado por alto a vida vitoriosa actual, de hoje. O homem confia no amor de Deus quando continua em pecado conhecido e continua a buscar o perdão de Deus para esse conhecido pecado. A verdadeira *santificação* levanta uma barreira contra o pecado. Podemos fracassar muitas vezes e necessitar muitas vezes de perdão, mas deve haver um avanço na vida vitoriosa. Para realizar uma experiência diária de *santificação*, é necessária uma íntima associação com Jesus Cristo. Voltamos ao velho ponto da oração, meditação e estudo, especialmente da vida de Cristo, a fim de ganhar poder para vencer o pecado.

Cem por cento de crédito

Notai bem que a *santificação*, bem como a *justificação*, é *Cristo agindo na nossa vida*. Moisés registou as seguintes palavras: «Certamente guardareis os meus Sábados ... para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica.» Êxodo 31:13. Notai cuidadosa-

mente, é Deus que nos santifica. Deus deve receber 100 por cento do crédito pela nossa vida vitoriosa. A santificação é um acto de criação. Em Efésios 4:24, lemos: «E vos revisitais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.» E em Colossenses 3:8 a 10: «Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.»

O método de manter uma vida santificada requer uma batalha real, um real combate. Algumas pessoas têm uma confusão completa acerca da experiência cristã. Crêem que quando uma pessoa se torna cristã, fica livre da tentação, de lutas, de problemas e perplexidades. Nada pode estar mais longe da verdade. Deus nunca promete livrar o homem de lutas na vida cristã. *Mas Ele promete ao homem a vitória na luta.*

Que compreendemos nós por luta? Paulo exorta: «Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna.» I Timóteo 6:12. Isto significa simplesmente que dentro da alma há uma batalha real para pôr a nossa fé sobre o objecto do nosso amor e salvação, Jesus Cristo — especialmente no *momento da tentação*. Significa que o homem deve fixar a sua mente nas promessas de Deus, e crer nelas, não só quando ele o sente mas *quando o não sente*. Significa que a pessoa rende inteiramente a sua mente e declara: «Eu sei que Deus pode livrar-me deste pecado *no momento da tentação*.» É neste ponto que Satanás tantas vezes triunfa sobre nós. Quando sobrevém a tentação ficamos tão envolvidos e enredados na tentação que muitas vezes recusamos mesmo, ou nos esquecemos, de recorrer e pela fé reclamar o poder santificador de Deus.

Não basta carregar o botão

Não há nenhuma maneira simples, nenhum método de carregar o botão, nenhuma fórmula científica, nenhum substituto do método de Deus para a vitória sobre o pecado. A ciência moderna pode ter tornado as nossas vidas físicas muito mais fáceis

e mais agradáveis para viver — mas quando se trata de viver uma vida santificada, os princípios da vida cristã são os mesmos que eram há mil anos atrás. Não há modernização, descoberta única, invulgar, catclísmica no século 20 que possa ser usada para transformar um homem espiritualmente. O método de salvação é o mesmo que Deus usou para Adão, Abraão, Raab, Jeremias, Maria Madalena, João Marcos, Timóteo e Pedro. A razão para salientar este ponto é que muitos de nós estamos hoje vacilando em nossa experiência cristã. Não sentimos a importância de treinar e educar a mente para se prender ao poder de Deus tanto na rotina de cada dia como nas alturas de esmagadoras tentações.

Ouvi Pedro descrevendo como este poder criador entra em nossas vidas: «Pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por *elas* fiquéis participantes da *natureza divina*, havendo escapado da corrupção que pela concupiscência há no mundo.» II Pedro 1:4. A palavra *elas* refere-se às preciosas promessas de Deus que podem dar ao homem a vitória sobre o mal. Lemos também em II Coríntios 7:1: «Ora amados pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.» Ó jovens, enfrentai a tentação com uma promessa de Deus como o fez Jesus. A vitória é vossa. Requer perseverança e energia. Decorai essas preciosas promessas, e repeti-as para vós mesmos enquanto desceis a rua ou estais sentados na sala de aulas. Jesus declarou que a Sua palavra é vida. (Ver João 6:63)

Já lestes Mateus 11:12, onde se declara que «desde os dias de João Baptista até agora, se faz violência ao reino dos Céus, e pela força se apoderam dele»? Esta é uma linguagem forte e talvez vos pergunteis a vós mesmos o que significa. Podeis imaginar os violentos apoderando-se do reino dos Céus pela força? Graças a Deus pelo Espírito de Profecia, que nos dá uma interpretação correcta do que este texto significa. «A violência de que aqui se fala é um santo fervor como o manifestado por Jacob.»—*Para Conheçê-Lo*, pág. 272. Que descrição profunda da resolução e fortaleza do cristão vitorioso. Quão fervorosos são hoje os jovens em queimar cartões de recrutamento! Quão fervorosos nas marchas de protesto de todos os tipos! Quão fervorosos nas universidades

para promover as suas ideologias! Quão fer-
vorosos em apoiar alguma figura política!
Devia o jovem que está tentando servir o
Criador do universo manifestar menor fer-
vor?

Os adventistas do sétimo dia deviam ser
condutores no mundo espiritual tanto em
pregar como em viver o plano de Deus pa-
ra a salvação. O tema dominante das men-
sagens dos três anjos é o amor e poder de
Deus. Nos breves estudos desta semana vi-
mos o poder da besta e o sinal da besta. No-
támos a tentativa de Satanás para minar a
verdade da criação de Deus, que é o princí-
pio fundamental sobre que está baseada a
salvação. Deus tomou um lapso de tempo
de 24 horas e moldou-o num memorial do
Seu poder e autoridade como Criador. Não
há nada de mais universal do que o tempo.
Que memorial melhor podia Deus tomar do
que o Sábado do 7.º dia em honra do Seu
poder para criar o mundo e transformar o
coração do homem — para re-criá-lo.

Os adventistas do sétimo dia são as úni-
cas pessoas no mundo que podem proclamar
plenamente o salvífico programa de Deus.
A salvação e a criação são inseparáveis. É
isso o que o Sábado proclama. O Sábado é
um elo de ligação directa entre Deus e o
homem. É o princípio fundamental sobre que

estão baseadas a justificação e a santificação.
Crer firmemente que sois a geração re-cria-
da de Deus é um pensamento ainda mais
poderoso. Pensai nisso quando estais desa-
nimados. O futuro não encerra temor para
os que se apoiem nesta crença de que foram
criados e re-criados por um Deus amoroso.

Satanás pode atormentar a vossa mente
com o pensamento de que sois inúteis, irre-
missíveis, desesperadamente perdidos — mas
se essa mente ferida estabelecer imediata-
mente contacto com Deus por meio do pen-
samento, «Meu Deus criou-me; pertence-
-Lhe», a vitória será vossa. Esse é um pen-
samento que origina novas energias e ele-
va a pessoa. Não deis ao inimigo terreno em
vossa vida estudando constantemente vos-
sas próprias emoções. Procurar arrazoar
acerca do motivo por que sentis desta ou da-
quela maneira leva muitas vezes a maior dú-
vida e perplexidade. Nossa única esperança
reside em mantermos os nossos olhos sobre
Deus, nosso Criador. Estudai-O, submetei-
-vos a Ele, enfrentai abertamente o facto
de que concentrar pensamentos em vós mes-
mos e em vossas emoções tem um efeito
devastador. Ver a Deus como Criador e Re-
dentor, vosso eterno auxiliador, é um ma-
gnífico auxílio para vencer o pecado. Viver
pela fé no poder de Deus é o fio áureo da
justiça pela fé. Isto é vida!

Unidos em Sincero Amor

Hino para a Semana de Oração dos M. V.

U - ni - dos em sin - ce - ro a-mor,

Pe - di - mos - Te, ó Con - so - la - dor,

Que nos con - ce - das ze - loear dor

Pa-ra a-nun - ci - ar - mos o Sal - va - dor.